

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A importância das atividades ao ar livre como ferramentas de
aprendizagem

Raquel Alexandra Constantino Mateus

Beja

novembro de 2023

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação de Beja

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A importância das atividades ao ar livre como ferramentas de
aprendizagem

Relatório de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do
Ensino Básico, apresentado na Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Beja

Apresentado por:

Raquel Alexandra Constantino Mateus

Orientado por:

Diogo Veríssimo Guerreiro

Beja

2023

Brincar é uma parte importante do desenvolvimento infantil, não é tempo desperdiçado. É com brincadeiras que as crianças aprendem a socializar, conhecem as regras de cooperação e da competição, recebem estímulos à imaginação.

Ken Robinson, 2019

Agradecimentos

Nesta longa caminhada quero agradecer desde já, a todas as pessoas que fizeram parte dela. Foi uma caminhada longa e muito trabalhosa, e a mesma só foi possível porque não foi percorrida sozinha, quero agradecer a todas as minhas colegas de turma, em especial à Ana Serafim e Stephanie Ramos pelo apoio e força que me foram transmitidos e amizade construída durante estes longos anos. A todos os momentos de trabalho conjunto, o apoio nos momentos mais difíceis e em etapas desafiantes do nosso percurso e ao sentido de humor sempre presentes que foram essenciais para chegar até aqui.

Agradeço à minha Mãe, sem ela era impossível seguir e lutar pelos meus sonhos, por todos os esforços que teve de fazer e palavras sábias e conselhos que me transmitiu, que me permitiu ganhar forças quando eu pensava que já não conseguia mais.

Agradeço à minha querida Tia Emília que sempre me apoiou em tudo na minha vida e que infelizmente não me conseguiu ver terminar esta caminhada, obrigada por teres cuidado de mim e por todo o teu amor, carinho e preocupação em mim depositados.

Agradeço à minha Professora Maria do Céu André, por todos os ensinamentos, conselhos e ajuda preciosa que me facultou, mas principalmente pela sua disponibilidade e incentivo proporcionados ao longo de todo este percurso. Ao meu orientador Diogo, muito obrigada por toda a ajuda.

Não posso deixar de agradecer, à Educadora Dinora e à Professora Emília Silva por toda a ajuda, disponibilidade e ensinamentos que me transmitiram ao longo da minha prática profissional em Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, foram muito enriquecedores para a minha vida profissional e pessoal, todos os ensinamentos e vivências adquiridas.

Por último, e não menos importante, agradeço a todos os professores e a todas as professoras que me orientaram, ajudaram e me transmitiram conhecimentos e aprendizagens ao longo deste percurso.

A todos o meu sincero e profundo OBRIGADA!

Resumo

Cada criança, enquanto brinca, por norma, sente-se bem e feliz. Para além disso, descobre o mundo que a rodeia, aprende, desenvolve-se e cresce. (Guerreiro, 2022)

O presente estudo pretende contribuir para a discussão sobre a importância do brincar não estruturado e ao ar livre. Neste sentido, foi realizada uma investigação-ação, no âmbito das unidades curriculares de Prática Profissional II e II do Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, com um grupo de 24 crianças em contexto de Educação Pré-Escolar, e com uma turma de 20 crianças em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico (2.º Ano). No final da prática profissional constatou-se que proporcionar às crianças oportunidades de brincadeira ao ar livre tem benefícios psicológicos e motores no desenvolvimento das mesmas.

Palavras-chave: Brincar, Jogo, Natureza, Ferramenta, Criatividade, Aprendizagem, Educação Pré-Escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico, Ar Livre.

Abstract

Each child, while playing, as a rule, feels good and happy. Furthermore, discovers the world around, learns, develop herself, and grows. (Guerreiro, 2022)

The study aims to discuss on the importance of unstructured play and outdoors. In this sense, an investigation/action was carried out, within the scope of curricular units of Professional Practice of the Master's Program in Pre-School Education and Basic Primary Education at the Polytechnic Institute of Beja, in a preschool activities' room with 24 children and in a 2nd year classroom with 20 students. At the end of this professional practice, it was found that letting children play freely outdoors provides psychological and motor benefits in their development.

Keywords: Play, Game, Nature, Tool, Creativity, Learning, Preschool, Basic Primary Education, Outdoors.

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
Índice de Imagens	ix
Índice de Tabelas	x
Introdução	12
Capítulo I - Enquadramento Teórico	14
1. O Brincar e o brinquedo.....	14
2. O Jogo.....	17
3. Os benefícios e a importância de brincar e de jogar	21
4. Brincar ao ar livre	26
5. Brincar ao ar livre como meio facilitador de aprendizagem.....	29
Capítulo II. Enquadramento Metodológico	32
1. Definição do Problema e Objetivos.....	32
2. Metodologia de investigação.....	34
3. Participantes no estudo	36
4. Técnica(s) de recolha de dados.....	37
4.1 Análise Documental	37
4.2 Observação.....	38
4.3 Notas de campo	39
4.4 Inquérito por Questionário	39
Capítulo III. Intervenção	43
Parte I – Contexto de Educação Pré-Escolar	43
1. Contextualização.....	43
1.1 Caraterização do Estabelecimento	43
1.2 Caraterização do grupo de crianças.....	44
1.3 Equipa Educativa.....	46
1.4 Organização e Gestão do Tempo	46
1.5 Caraterização dos Espaços	47
2. Atividades desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar	48
Parte II - Contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico	64
1. Contextualização	64
1.1 Caraterização do Estabelecimento	64
1.2 Caraterização do grupo	64
1.3 Equipa Educativa	65

1.4	Organização e gestão do tempo	65
1.5	Caraterização dos Espaços	66
2.	Atividades desenvolvidas em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico	66
	Parte III – Análise dos resultados obtidos	78
	Parte IV - Análise reflexiva da intervenção	88
	Considerações Finais	92
	Referências Bibliográficas	94
	Apêndices	98

Índice de Imagens

Imagem 1- Jardim das Oliveiras	48
Imagem 2- Jardim das Flores.....	48
Imagem 3- Espaço exterior rodeado de natureza	48
Imagem 4- Crianças a apanhar folhas na natureza	50
Imagem 5- Crianças a brincar no exterior do Castelo de Beja	51
Imagem 6- Crianças a conversar sobre o desenho	52
Imagem 7- Criança a desenhar no chão com um pequeno galho de uma árvore.....	53
Imagem 8- Crianças a explorar o espaço	53
Imagem 9- Atividade de exploração com garrafas de plástico	54
Imagem 10- Criança a observar a atividade	55
Imagem 11- Crianças a colocar terra dentro das garrafas	55
Imagem 12- Exploração de objetos.....	56
Imagem 13- Brincadeiras com os tubos de cartão	57
Imagem 14- Crianças a comunicar pelo tubo	57
Imagem 15- Crianças dentro de caixas	58
Imagem 16- Crianças a brincar com os objetos.....	59
Imagem 17- Atividade com arcos pendurados nas árvores	60
Imagem 18- Criança a passar por dentro do arco	60
Imagem 19- Crianças a simular um comboio.....	60
Imagem 20- Criança a lançar a bola	61
Imagem 21- Crianças a brincar com arcos e bolas	61
Imagem 22- Jogo do gato e do rato	63
Imagem 23- Jogo da batata quente	63
Imagem 24- Crianças a participar no jogo	63
Imagem 26- Jogo do lenço.....	69
Imagem 27- Crianças a participar no jogo do lenço	69
Imagem 28- Jogo do rei manda	70
Imagem 29- Crianças a imitar uma colega.....	71
Imagem 30- Crianças a imitar um animal	71
Imagem 31- Jogo do gato e do rato no 1º Ciclo.....	72
Imagem 32- Crianças a participar no jogo do gato e do rato.....	73
Imagem 33- Crianças a jogar ao gato e ao rato	73
Imagem 34- Jogo da corda	74
Imagem 35- Crianças a realizar o jogo da corda.....	74
Imagem 36- Jogo “quem sou eu?”	76
Imagem 37- Criança a tentar descobrir quem é o colega	76
Imagem 38- Corrida de sacos	77
Imagem 39- Crianças a realizar a corrida de sacos.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 1- Resumo da amostra	37
Tabela 2- Distribuição por sexo e idade	45
Tabela 3-Rotina Semanal da Sala do Moinho	47
Tabela 4- Distribuição das crianças por sexo e idade	64
Tabela 5- Horário semanal da turma.....	66

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Preferência das crianças relativamente às atividades desenvolvidas no recreio.....	67
Gráfico 2- Opinião dos pais e encarregados de educação no impacto do brincar ao ar livre na criança	83
Gráfico 3- Representação da frequência da atividade de brincar nas crianças	84
Gráfico 4- O brincar ao ar livre	85
Gráfico 5- O brincar ao ar livre quando as crianças estão com a família	86
Gráfico 6- O brincar ao ar livre na escola	86
Gráfico 7- Perspetiva de as crianças poderem vir a ter mais tempo para brincar ao ar livre	87
Gráfico 8- Quantidade de vezes que as crianças brincam ao ar livre, por semana	87

Introdução

O presente relatório decorre das Práticas Profissionais II e III, e tem como finalidade descrever e ilustrar o trabalho desenvolvido nos contextos de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, respetivamente, bem como apresentar uma avaliação reflexiva sobre toda a ação pedagógica.

O processo de investigação é uma prática que deve permanecer ao longo da vida profissional de qualquer docente, pois é uma prática que nos leva a refletir criticamente a nossa metodologia de trabalho e posteriormente à aprendizagem. Só assim, se pode observar os diversos contextos da ação pedagógica de modo a compreender os contextos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e refletir, investigar e agir conforme as condições que irão surgir no decorrer do processo educativo.

O tema deste relatório emergiu da Prática Profissional II, ou seja, durante esta prática deparei-me com crianças com várias necessidades e interesses em brincar e explorar o espaço envolvente, mas estavam confinadas à sala, onde tiveram escassas oportunidades de brincar ao ar livre. Segundo Oliveira et al. (2015), Maria Montessori afirma que:

“Toda a criança nasce com sensibilidade e potencialidade precisando ser estimulada adequadamente através do ambiente exterior, para que possa favorecer atividades espontâneas, concentradas, autocorretivas, contribuindo assim para a liberdade, independência e desenvolvimento intelectual das crianças. Ela diz que essa predisposição de construção são os chamados “períodos sensíveis”.” (Oliveira et al., 2015, p. 287)

Ao longo deste trabalho vamos referenciar alguns autores de destaque como Neto, Piaget, Vygotsky, Kishimoto e as suas conceções sobre a importância do brincar, especialmente, o brincar na natureza.

A Prática Profissional II em Educação Pré-Escolar tem como objetivos:

- Analisar criticamente a realidade educativa em contextos de educação pré-escolar;
- Conhecer modalidades de interação entre famílias e os contextos institucionais onde se realiza a intervenção;
- Organizar e implementar situações de aprendizagem nos contextos de educação pré-escolar;

-
- Saber gerir interações entre e com as crianças;
 - Desenvolver capacidades reflexivas e reguladoras da/na ação educativa.

No que concerne aos objetivos da Prática Profissional III em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico são os seguintes:

- Analisar criticamente a realidade educativa, nos contextos educativos de 1º Ciclo do Ensino Básico;
- Organizar e implementar situações de aprendizagem;
- Saber gerir interações entre e com os alunos e as alunas;
- Compreender a intervenção pedagógica numa perspetiva de investigação-ação;
- Desenvolver capacidades reflexivas e reguladoras da ação educativa.

No que diz respeito à estrutura do presente trabalho, este encontra-se dividido em três partes principais. No Capítulo 1, Enquadramento Teórico, serão apresentadas e fundamentadas as linhas orientadoras baseadas numa bibliografia diversificada.

No Capítulo 2, Enquadramento Metodológico, encontrar-se-á descrita a problemática do estudo, os objetivos, a metodologia de investigação utilizada, tal como a contextualização e a caracterização da amostra, bem como os aspetos metodológicos relacionados com a recolha de dados.

O Capítulo 3, Intervenção, encontra-se organizado em três partes. A primeira é referente à Prática Profissional realizada em Educação Pré-Escolar, contextualizando-a, e apresentando as atividades propostas. O mesmo acontece na segunda parte, mas referente a uma turma de 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico. A terceira parte é referente à apresentação e discussão dos resultados da investigação.

Para concluir, apresentar-se-ão, uma análise reflexiva e as considerações finais sobre esta investigação.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Neste capítulo podemos encontrar várias concepções de variados autores sobre os variados conceitos analisados e estudados. No primeiro ponto temos uma reflexão científica e crítica sobre o que é o brincar, o brinquedo e a relação entre estes dois, na ótica de vários autores e estudos. O segundo ponto faz referência ao conceito de jogo de acordo com Kishimoto, Vygotsky e Neto. O terceiro ponto explana-nos os benefícios e a importância que estes dois primeiros pontos têm para a criança, de acordo com a literatura científica analisada. Por fim, os últimos dois pontos, expõem a importância do brincar ao ar livre e a relevância da utilização desta atividade como meio de aprendizagem.

1. O Brincar e o brinquedo

O brincar é um direito das crianças e elas devem poder usufruir dele ao longo do seu dia, tornando-o na sua atividade principal. O brincar não é só um direito como uma necessidade, ao brincar a criança vai estar a ganhar confiança e autonomia.

O brincar é, para a criança, uma atividade de exploração do seu envolvimento físico e social, é uma linguagem universal que todas as crianças compreendem independentemente do espaço geográfico ou cultural. (Neto, 2020)

O brincar é uma atividade de descoberta, de imaginação e de tentativa e erros de vários ensaios da criança, este é uma escola de aprendizagens, tratando-se de uma aquisição de ferramentas para se tornar pessoa adulta.

No dicionário etimológico, brincar também é uma palavra de origem latina, vem de *vinculum* que quer dizer laço, algema, e é derivada do verbo *vincire*, que significa prender, seduzir, encantar. *Vinculum* passou a *brinco* e originou o verbo brincar, sinónimo de divertir-se. (Amaral, 2018)

Brincar está usualmente associado a diversão, exploração, imaginação e criatividade e está presente na nossa vida desde que nascemos. Brincar molda a nossa personalidade, na medida que brincamos desde o nascimento, tonando-nos mais criativos, mais fortes

e mais ativos. Com a brincadeira aprendemos que falhar é importante para o nosso desenvolvimento.

Na Convenção sobre os Direitos da Criança (2019), a Organização das Nações Unidas reconhece o direito da criança para brincar, sendo este um direito imprescindível:

“Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.” (Artigo 31.º da Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos, 2019, p.25)

Para a criança, brincar é uma necessidade essencial e, como tal, trata-se de compreender que brincar é um direito. Os tempos livres devem pertencer-lhe integralmente, assim como deve participar na definição do quer fazer. (M. J. Araújo, 2009)

Através do brincar, a criança está a experimentar várias atividades, a estabelecer relações entre os diferentes elementos envolvidos, sendo esta uma atividade que responde às necessidades e interesses da criança, ela está associada a proporcionar prazer à criança.

O conceito de brincar está relacionado com a exploração, a imaginação, a aprendizagem, a criatividade e a diversão. A bibliografia refere que as crianças, quando estão a brincar, representam o mundo à sua volta, ou seja, imitam as situações do seu quotidiano, reinventam experiências que tenham vivido e constroem situações recorrendo à sua imaginação. Salomão e Martini (2007) menciona que “brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.” (2007, p. 12). Complementando, Lira e Rubio (2014) defendem também que através do brincar as crianças expressam-se, interagem com o meio, com os materiais e criam algo de novo.

Segundo Ferland (2006), citado por M. C. Silva & Sarmiento (2017, p. 41), brincar “é imaginar e criar, é o lugar das fantasias, na medida em que a criança utiliza as suas habilidades criativas e decide o que é para ela a realidade; transforma-a e adapta-a aos seus desejos”. Segundo este autor, o brincar é sentir prazer, e este sentimento pode

estar associado a certas particularidades que são próprias da brincadeira como algo novo e desafiante.

Para Piaget, citado por M. C. Silva & Sarmiento (2017), “o brincar é uma forma de a criança explorar o mundo, ou seja, ao fazer de conta, ela vai conhecer outras facetas do mundo”. A partir do brincar as crianças criam e exploram o mundo à sua volta, enfrentando os seus medos e adquirindo novas competências que as tornam mais autónomas, confiantes e resilientes, competências estas que serão muito úteis para enfrentar os desafios do futuro.

O brincar deve ser considerado pelos adultos e pelas adultas, como uma aprendizagem para a vida adulta e não apenas como um simples passatempo e diversão para a criança. Segundo vários/as autores/as, o brincar é importante no desenvolvimento da criança para a formação do seu carácter e da sua personalidade, tal como potencializa várias competências e capacidades sociais, motoras e intelectuais.

O brincar é ainda considerado uma fonte de diversas descobertas para a criança, entre elas, a descoberta de regras, de valores e de costumes, pelo que também demonstra ser tão importante que as crianças brinquem muito. É fundamental que educadores/as, professores/as, pais, mães, famílias, deixem as crianças brincar muito e explorar livremente os fenómenos do mundo que as rodeia pois, também assim vão sentir-se felizes, satisfeitas, motivadas e vão ganhar várias habilidades e desenvolver e estimular vários sentidos e capacidades.

O Brincar consiste em deixar que as crianças explorem o meio envolvente e a partir da criatividade e imaginação delas, criem brincadeiras e formas de brincar onde se sintam felizes, por exemplo, muitas crianças tendem a replicar comportamentos que observam em casa no dia quotidiano, como a mãe ou o pai a fazer as tarefas domésticas, ou muitas crianças vão brincar e fingir que estão a desempenhar funções de determinadas profissões, entre muitas outras atividades que assistem. Já o Jogar é aquele em que a pessoa adulta está presente e coloca regras ou fornece objetos à criança para que esta brinque, deixando pouca liberdade de imaginação à criança. Muitas vezes os/as adultos/as em vez de deixarem as crianças brincar e explorar livremente, fornecem-lhes uma panóplia de brinquedos e objetos para as crianças brincarem e explorarem.

Todavia, se a escolha desses mesmos objetos for bem feita, existem muitos que proporcionam através do brincar várias aprendizagens.

É muito importante que a criança tenha a oportunidade de brincar em casa, na rua, na escola e em áreas livres. A maioria das vezes não é ela que elege o lugar, mas o que é essencial é desfrutar do momento. Brincar é uma atividade normal para a criança, cabe assim à escola proporcionar e respeitar esses momentos.

Ligado ao brincar, o brinquedo tem uma relação muito próxima com a criança e trata-se de um objeto que pode ser manipulado de forma livre, existindo a ausência de um sistema de regras que organizam a sua utilização. Crianças e brinquedos andam sempre lado a lado, fazendo com que exista uma relação de intimidade em que o brinquedo estimula a representação e a expressão de imagens que se interligam com aspectos da realidade. Kishimoto (2017) Por exemplo, quando a criança brinca com os seus brinquedos, ela representa o contexto social e familiar em que se encontra inserida, utilizando linguagem que já ouviu anteriormente.

O brinquedo não deve ser “reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica.” É um objeto de suporte à brincadeira e o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. (Kishimoto, 2017, p. 21)

O brincar e o brinquedo são fundamentais para proporcionar um desenvolvimento e uma infância saudável na criança.

2. O Jogo

De acordo com Kishimoto (2017, p. 16), os investigadores Brougère e Henriot referem que o jogo possui diferentes tipos de níveis. Desta forma, o jogo pode ser visto como:

- “o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social” – o sentido do jogo depende do contexto social em que a criança está inserida, pois este adota a imagem e o sentido que cada sociedade lhe concede;
- “um sistema de regras” – existe um sistema de regras que “permite identificar, em qualquer jogo, uma estrutura sequencial que especifica sua modalidade”, mesmo quando são utilizados os mesmos objetos, como é exemplo o baralho de cartas;

-
- “um objeto” – o jogo materializa-se em objetos, como é o caso do xadrez, onde existe o tabuleiro e as peças.

Também Vygotsky (1989), nas suas investigações sobre o jogo, estabeleceu uma relação entre este e a aprendizagem, uma vez que o jogo contribui para o desenvolvimento intelectual, social e moral da criança.

De acordo com este autor, o jogo surge nas atividades da infância por volta dos três anos, pois antes desta idade a criança não consegue interiorizar símbolos para representar o real através do imaginário. Desta forma, Vygotsky acredita que o jogo surge através das representações e imaginário das crianças, e das experiências vividas pelas mesmas.

É através do jogo que a criança define conceitos, imagina e cria situações que desenvolvem no seu quotidiano. Pode-se afirmar que, para este autor, o jogo surge no mundo infantil e imaginário, e contribui para o desenvolvimento das interações sociais, e que resulta em aprendizagem.

Vygotsky defende a importância do jogo como fator que influencia positivamente a ação social, ou seja, as relações sociais entre crianças, e entre crianças e pessoas adultas. O jogo simbólico é um processo dinâmico que desenvolve regras de conduta resultantes da própria ação. “A ação imaginária contribui no desenvolvimento das regras de conduta social, onde as crianças, através da imitação, representam papéis e valores necessários à participação da mesma vida social por elas internalizadas durante as brincadeiras em que imitam comportamentos adultos”. (Vygotsky, 1994)

Compreendemos desta forma, que, para este autor, o jogo revela três características importantes: a imitação, imaginação e as regras. O jogo é uma atividade fundamental para o desenvolvimento global das crianças, pois estimula a criatividade, a representação de papéis e a interação com outras pessoas, proporcionando também a aprendizagem de conteúdos abordados em contextos formais, bem como regras de convivência implícitas em cada situação. Quando a criança imagina e cria uma brincadeira, ela também vai estar a explorar comportamentos das pessoas adultas que a rodeiam, representando também hábitos, atitudes e situações que observa na vida real, dando-lhes significado.

Em suma, pode sublinhar-se que, para Vygotsky (1989), é através do jogo e da brincadeira que a criança se desenvolve cognitivamente, social e afetivamente. É importante que o jogo seja um instrumento frequentemente utilizado por quem é profissional de educação, sendo importante que esta pessoa defina objetivos do jogo e que consiga desenvolvê-los com as crianças porque, através do jogo, existem muitos conteúdos, capacidades e habilidades que se podem desenvolver em crianças e jovens.

Neto (2020) refere que podemos agrupar os jogos em quatro grandes grupos:

- “O jogo simbólico (pretend play), entendido como o brincar através da imaginação da criança no que se refere à representação de papéis (faz-de-conta), utilizando vários tipos de comunicação e objetos, (por exemplo, brincar aos médicos, imitar os pais, telefonar para figuras imaginárias, etc.);
- O jogo com objetos (play material), definido como a capacidade de manusear ou manipular objetos diversos (naturais, didáticos, tradicionais, etc.) como por exemplo, brincar com materiais soltos como pedras, paus, folhas e areia);
- O jogo social (social play), é caracterizado pela utilização de regras e definição de critérios de interação social, onde entram todos os tipos de jogos, individual, cooperativo e de oposição, como por exemplo o jogo da macaca, o do mata, jogar à bola, entre outros.);
- O jogo de atividade física (physical activity play), relacionado com o dispêndio de energia através de várias formas de atividade motora (movimentos posturais, locomotores e manipulativos, gestuais e interativos), como por exemplo, correr, saltar. Lançar, trepar, jogar à apanhada, entre muitos outros.” (Neto, 2020, p. 38)

Se estas formas de atividade lúdica resultarem em experiências positivas para as crianças, estas vão desenvolver uma relação importante no que concerne à realização pessoal, empreendedorismo e sucesso na sua vida adulta. Desta forma, é importante que famílias e profissionais de educação aprofundem a consciência que brincar e jogar traz os maiores benefícios ao nível do desenvolvimento integral de crianças e jovens.

De acordo com Amaral (2018,) citando eg. Araújo, Ribeiro, & Santos, (2012) ou Ketamo, Kiili, Arnab, & Dunwell (2013), o jogo pode ter significados variados devido às diferenças entre culturas e, conseqüentemente, as regras e os objetos podem modificar-se também.

Altet (1999), refere que existem vários autores como, John Dewey e Clarapède que defendem que o jogo educativo, incluindo o de suporte digital, é uma ferramenta essencial para o processo de ensino-aprendizagem, na medida em que desenvolve a criatividade da criança, aconselhando-se, desta forma, a quem é profissional de

educação a sua utilização como recurso valioso e como ferramenta vantajosa de aprendizagem significativa. Estes autores, referem ainda que os profissionais de educação são as principais barreiras à utilização e implementação de jogo como ferramenta de aprendizagem.

Na realidade, os jogos e as brincadeiras nas salas de atividades e nas salas de aula, não devem ser vistos como simples passatempos, mas como ferramentas valiosas no processo de ensino-aprendizagem. É através do brincar e do jogo que as crianças são estimuladas a procurar soluções, a imaginar hipóteses e a resolver problemas do seu quotidiano. Infelizmente, constata-se que o uso deste tipo de metodologias ainda não está generalizado e implementado no ensino, sendo o livro didático (manual) considerado o detentor de todo o saber, ao qual a preocupação principal é transmitir todos os seus conteúdos e, não essencialmente, de proporcionar atividades diversificadas e significativas às crianças.

Na opinião de Panaino (2012), citado por Amaral (2018), o manual escolar não deve ser mais do que um suporte para apoiar o corpo docente no processo de ensino-aprendizagem, e este deve ser utilizado para orientar apenas nos conteúdos a trabalhar e explorar com as crianças. Quem é profissional de educação não deve “prender-se” ao manual, pois também existem manuais que atualmente estão desatualizados, e existem muitas outras ferramentas à disponibilidade para orientar a ação pedagógica, cabe à equipa docente conhecer os gostos, interesses e necessidades das crianças para criar aulas motivadoras e no qual resultem múltiplas aprendizagens, recorrendo a vários materiais e instrumentos.

Este autor realça, ainda, o papel do jogo com um complemento pedagógico na ação educativa, em que pode ser utilizado em vários momentos na sala de aula para ensinar determinado conteúdo ou conceito, pois é uma ferramenta motivadora para os/as alunos/as. É assim importante, considerar o jogo um instrumento valioso a utilizar nas aulas para captar a atenção das/os alunas/os, compreender conteúdos e conceitos e dar-lhes mais motivação para aprender, captando a sua atenção.

3. Os benefícios e a importância de brincar e de jogar

De acordo com o sugerido pela bibliografia, o brincar traz vários benefícios para as crianças, ao nível psicológico, motor, social e emocional.

A Academia Americana de Pediatria, num artigo aqui tido como determinante, publicado em 2018 sobre o poder do jogo intitulado “The Power of Play”, refere que brincar não é um ato inútil, brincar tem efeitos em mudanças a nível molecular, celular e comportamental. Desta forma, o brincar e ser ativo/a melhora as funções executivas, a linguagem, a discriminação inter e intrassocial e a integração, a execução de tarefas complexas, o pensamento criativo e as habilidades lógico-matemáticas, contribuindo assim para a formação de pessoas adultas saudáveis ao longo da vida. (2018)

Neto, em “Libertem as crianças: Urgência de brincar e ser ativo”, assinala algumas vantagens e benefícios do brincar durante o processo de desenvolvimento humano:

- “Promove o desenvolvimento cognitivo em muitos aspetos, tais como descoberta, capacidade verbal, produção divergente, capacidade verbal, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais, capacidade de processar informação.
- Como consequência, o empenho no jogo e os níveis de complexidade envolvidos alteram e provocam mudanças na complexidade das operações mentais.
- A criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e, ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas.
- A cultura é passada através do jogo. Esquemas lúdicos e formas de jogo passam de geração em geração, do adulto para a criança e de criança para criança.
- Desenvolve-se a atividade física e o aperfeiçoamento de habilidades motoras rudimentares, fundamentais e especializadas.
- Os estranhos tornam-se amigos, desenvolvendo-se os processos de sociabilização e de identidade entre pares.” (Neto, 2020, p. 46)

Atualmente sugere-se mais frequentemente o brincar livre (estimulação pessoal) e o brincar estruturado (intervenção adulta ou por pares). É importante sublinhar o brincar como forma de aprendizagem no contexto familiar, educativo, terapêutico e comunitário, pois todas estes contextos são importantes no desenvolvimento da criança, sendo por isso imprescindível que as pessoas adultas, ao interferir no brincar de uma criança, o façam de forma cuidadosa, desinteressada, mas com o intuito de auxiliar

a criança com recursos materiais e na capacidade de formulação de contextos, em função dos objetivos do brincar.

Ao brincar diminuimos a ansiedade, expressamos sentimentos e emoções, construímos ideias e entendemos o mundo.

Segundo Stuart Brown (2009), psiquiatra norte americano, as crianças brincam porque procuram o prazer, porque brincar proporciona as sensações de liberdade e felicidade.

Atualmente o brincar é visto como uma atividade importante para o desenvolvimento saudável da criança, embora, possa haver quem acredite que desenvolver outras capacidades ao nível cognitivo como ler e escrever, e resolver problemas matemáticos tenham uma maior importância.

Para Maria José Araújo (2009) o brincar é desvalorizado na sociedade, uma vez que ainda não é visto como algo proveitoso para uma aprendizagem formal. Neste contexto, Teresa Vasconcelos (2012) menciona a que “A atividade lúdica não se opõe às propostas curriculares com uma intencionalidade: deve integrar e dinamizar essas mesmas propostas.” (p.33).

O brincar é característico em crianças desde que começam a ter consciência e noção do seu corpo, embora crianças com mais idade também gostem de brincar e de desenvolver e explorar formas de brincar mais complexas. É uma estratégia que a criança utiliza para adquirir competências importantes, promovendo a interação entre pares, bem como entre as crianças e as pessoas adultas, se estas se envolverem nas suas brincadeiras.

Desde a Antiguidade que o brincar faz parte do quotidiano das crianças e jovens, estando presente nas mais diversas formas, e são vários os autores, destacando Neto, que expõem e salientam a importância que esta ação têm na nossa formação enquanto cidadãos e cidadãos, e o desenvolvimento que proporcionam, as sensações de prazer e liberdade que transmitem e, ao mesmo tempo, a sua relação positiva facilitadora de aprendizagem.

O brincar está mais presente na infância, mas é importante em todas as idades, pelo que a criança precisa de se sentir atraída pelos jogos ou pelas brincadeiras que as pessoas adultas lhe propõem, para se poderem desenvolver melhor ao nível psicomotor, para

aumentar a sua autoconfiança, para promover a sua socialização, para estimular o pensamento, e para criar laços de afeto com as outras pessoas.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) defendem que “(...) brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender”. Portanto, o brincar deve ser entendido como “uma atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento”. (I. L. da Silva et al., 2016, pp. 10-11)

Desta forma, é crucial dar uma elevada importância ao brincar e entender que este é imprescindível para o desenvolvimento das crianças. O brincar é uma excelente ferramenta¹ para se utilizar para desenvolver várias competências e habilidades nas crianças.

Ao longo do tempo, o brincar tem sido interpretado de diversas formas, havendo quem veja nesta ação a oportunidade de desenvolver competências essenciais, quem considere que ao brincar a criança aprende a expressar as suas emoções e os seus sentimentos e a lidar com estes, e quem considere o brincar como a linguagem universal das crianças.

Brincar deve, deste modo, ser encarado com um comportamento de escolha livre que detém um elevado caráter pessoal, ou seja, a criança explora, brinca e aprende consoante os seus gostos e os seus interesses. Quando está a brincar, a criança desenvolve competências para se adaptar a variadas situações que são fruto da sua criatividade e imaginação.

Para complementar esta linha de pensamento e a par do que já foi mencionado anteriormente, sobre a importância e benefícios que o brincar proporciona para as crianças, Marques (2019) expõe cinco benefícios do brincar:

¹ Ferramenta: “Aquilo que serve de meio ou auxílio para determinado fim” (“**ferramenta**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/ferramenta>).

-
- **A brincadeira é aliada da saúde mental e física** – o movimento e atividade física estão, na maior parte das vezes, envolvidos nas brincadeiras das crianças, fomentando o seu bem-estar enquanto libertam energia;
 - **A brincar aprende-se** – quando as crianças brincam constroem novos conhecimentos e aplicam os já adquiridos;
 - **Ao brincar desenvolve-se a inteligência emocional** – Identificar emoções, quer seja por senti-las ou por vê-las expressadas nas outras – constituindo-se como uma competência transversal muito importante – e a brincadeira proporciona a convivência necessária para que exista esse reconhecimento e, também, para que as crianças aprendam a regular aquilo que sentem;
 - **Ao brincar a criatividade é estimulada** – A criatividade é o ingrediente-chave para a resolução dos problemas do quotidiano;
 - **A curiosidade é estimulada através do brincar** – Esta é o pilar do conhecimento e do envolvimento no mundo.

De acordo com as perspetivas expostas, reforça-se que o brincar é um direito basilar e uma das atividades mais importantes na vida das crianças. É através do brincar que a criança alarga horizontes, aprende a resolver problemas, cria laços de amizade e interage com outras. É ao brincar que a criança se desenvolve ao nível cognitivo, motor, social e afetivo, adquirindo e desenvolvendo várias competências. A criança, quando brinca, sente liberdade e felicidade, é mais criativa, curiosa, autónoma a todos os níveis.

A criança pode brincar autonomamente, ou com pessoas adultas, quando estas implementam regras e fornecem objetos para as crianças brincarem, sendo um brincar mais estruturado, como foi referido anteriormente.

O brincar livre é um momento informal em que a aprendizagem está implícita e ocorre de forma natural. Ao brincar livremente a criança tem liberdade para escolher ao que brincar, para expressar e utilizar a sua imaginação, para fazer as suas escolhas de acordo com os seus gostos e interesses. Este tipo de brincar estimula o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da criatividade da criança, proporcionando também outros benefícios, tais como *“a negociação de conflitos, a resolução de problemas, o*

autocontrole, o crescimento sócio emocional, a persistência, a resiliência e a colaboração” Ferland (2005), citado por Rosa (2013).

No entanto, o brincar estruturado, designado por jogo, este é orientado pela pessoa adulta e apresenta regras. De acordo com Ferland (2005), esta pessoa comanda e lidera a brincadeira, utilizando regras, materiais e papéis predefinidos durante um determinado tempo previamente estabelecido. Este tipo de jogar proporciona alguns benefícios, particularmente o trabalho em equipa, jogo cooperativo, cumprimento de instruções/regras, estratégia e o desenvolvimento do espírito desportivo.

Para Vygotsky (1989), o brincar é uma fonte de aprendizagem e de desenvolvimento, que permite à criança experimentar papéis e ações, adquirir novos conhecimentos e competências. Esta atividade de brincar influencia o desenvolvimento, por exemplo, através da passagem de situações imaginárias para a realidade, permitindo à criança experimentar o que imagina. Esta brincadeira, poderá resultar em mudanças na consciência da própria criança em relação a si, às outras e às que a rodeia.

À medida que a criança cresce, o brincar vai adquirindo uma maior complexidade, exigindo novos saberes e aprendizagens da parte da criança, mas também a diversificação dos contextos frequentados (Vygotsky, 1998). Esta diversificação está relacionada com a gradual autonomia da criança, que procura novos interesses e realidades e, também, assume um papel ativo nos processos de socialização. Ao longo da infância, e durante o percurso de vida, a criança conhece e lida com pessoas com diferentes características e vivências. Durante estes processos de interação, a atividade lúdica é espontânea e não recebe qualquer tipo de orientação educativa.

Numa outra ótica, Howard Gardner, em 1983, desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas, que agrupou em sete categorias: inteligência linguística, inteligência interpessoal, inteligência intrapessoal, inteligência lógico-matemática, inteligência musical, inteligência espacial e inteligência corporal-cinestésica. (Pound, 2014) Cada uma delas corresponde a uma forma específica de perceber o mundo.

4. Brincar ao ar livre

Desde sempre que o brincar ao ar livre fez parte do quotidiano da infância das várias culturas, sociedades, povos e regiões do mundo. Atualmente, esta atitude tem vindo a mudar drasticamente, devido a vários fatores como o sentimento de falta de segurança, a violência nas cidades, a superproteção por parte das famílias, o aumento crescente utilização da tecnologia digital, e o cansaço devido ao número elevado de horas de trabalho e de *stress* das pessoas adultas, resultando na falta de paciência e de vontade em proporcionar momentos de brincar ao ar livre às suas crianças.

Recentemente, Mendes, Neves, Lourenço, & Diogo (2019), citado por Maria (2021), divulgaram um estudo que indica que apenas 2,2% das crianças portuguesas brincam na rua. Considerando que a natureza está do lado de fora, verifica-se que as crianças já não brincam ao ar livre, rodeadas de natureza e, quando isso sucede fazem-no de formas superficiais, ou seja, em pequenos parques com extrema segurança, sem pedras, sem árvores, sem água e sem plantas, na praia sempre rodeados por pessoas adultas, ou em espaços planos e de estímulos reduzidos onde não existe a possibilidade de explorar e descobrir o meio envolvente.

Crianças que moram em ambientes urbanos não brincam ao ar livre, não exploram a natureza ou o meio envolvente, não desenvolvem uma panóplia de habilidades e de capacidades, sendo que muitas delas podem nem conhecer o som do vento, o som das árvores a movimentar-se com o vento, o cheiro da terra molhada, nem muitos dos animais que podem ser observados ao ar livre.

Devido ao facto de as crianças da atualidade já não brincarem tanto na natureza, surgiram estudos de vários autores sobre a importância e sobre os benefícios de este brincar, e as consequências que surgem nas crianças que não têm esta possibilidade.

Segundo o relatório *Playtime Matters*, publicado pela organização Semble em 2019, o tempo que a criança tem para brincar é uma parte essencial do dia escolar de crianças e jovens, sobretudo se este acontecer ao ar livre, pois desenvolve crianças saudáveis, curiosas e ativas, sendo especialmente relevante para a saúde mental, uma vez que diminui o stress transmitindo uma sensação de tranquilidade. (2019, p. 3)

De acordo com o estudo do *Playtime Matters*, as crianças que brincam ao ar livre:

- São mais ativas fisicamente;
- Têm uma melhor visão;
- Desenvolvem competências sociais e emocionais;
- Têm melhor saúde mental;
- São mais resilientes e têm mais autoestima;
- São mais criativas;
- Estão mais motivadas e interessadas para aprender quando voltam à sala de aula;
- Possuem maior consciência da importância do planeta e detêm, portanto, uma melhor possibilidade de o preservar e cuidar;
- São mais felizes, como descrito por profissionais de educação.

A importância do brincar ao ar livre, tem tido um grande enfoque pelos vários autores, no que concerne às múltiplas vantagens que se refletem no desenvolvimento saudável das crianças.

Em 2013, foi aprovado o Comentário Geral nº17 para o artigo 31, decorrentes da preocupação do Comitê Dos Direitos das Crianças da ONU- CDC, que garante o direito da criança de brincar na natureza:

“Falta de acesso à natureza: as crianças entendem, apreciam e cuidam do mundo natural pela exposição a ele, pelo brincar autodirigido e a exploração com adultos que comunicam a sua maravilha e significado. Memórias de brincadeiras da infância e de lazer na natureza reforçam os recursos com os quais se lida com o estresse, inspiram um sentimento de admiração espiritual e incentivam a gestão da terra. Brincar em ambientes naturais também contribui para agilidade, equilíbrio, criatividade, cooperação social e concentração. A conexão com a natureza pela jardinagem, colheita, festas tradicionais e tempo para a contemplação pacífica representa uma dimensão importante das artes e do patrimônio de muitas culturas. Num mundo cada vez mais urbanizado e privatizado, o acesso das crianças aos parques, jardins, florestas, praias e outras áreas naturais está sendo corroído. Crianças em áreas urbanas têm mais probabilidade da falta de acesso adequado aos espaços verdes.” (Becker et al., 2019, p. 4)

Desta forma, constata-se que brincar é um direito básico da vida da criança e o brincar na natureza faz parte deste direito. É através desta ação que a criança cria laços e interage com as pessoas à sua volta. As brincadeiras que as crianças criam são importantes na sua imaginação e têm uma intenção para elas. Esta é uma atividade que

ainda não é entendida pelas pessoas adultas como parte de um processo de aprendizagem e de desenvolvimento de várias competências nas crianças. Ao explorar o meio envolvente, enquanto brinca na natureza, a criança estimula a sua autonomia, explora sentimentos e emoções, desenvolve a criatividade e imaginação, explora materiais e objetos desconhecidos, desenvolve o pensamento, cria laços com as crianças à sua volta e as pessoas adultas e desenvolve-se ao nível cognitivo, físico, social e emocional (Rodrigues, 2017). Promove o desenvolvimento da sua autonomia, da sua capacidade de resiliência e da independência, contribuindo para um forte sentido de identidade. (Malone et al., 2015)

Cheng e Monroe (2012) citados por Rodrigues (2017), afirmam que quanto mais tempo uma criança passa no meio natural, mais comportamentos pró-ambientais desenvolve. Assim, o contacto direto com a natureza é visto como uma ferramenta que pode fomentar atitudes positivas face ao ambiente. O brincar na natureza influencia a forma como a criança aprende. Os autores Bixler, Floyd e Hammitt (2002) realçam que o brincar e explorar em contexto natural proporcionam desafios e interações positivas, assim como desenvolvem o autocontrolo e a autodeterminação. Para Moss (2012), crianças que aprendem em ambiente *outdoor*, aprendem mais, compreendem mais, sentem-se melhor, comportam-se melhor, trabalham de forma mais cooperativa e são fisicamente mais saudáveis.

Com base em vários estudos, Carlos Neto sublinha que:

- “Cerca de 70% das crianças portuguesas passam menos tempo ao ar livre do que os 60 a 120 minutos que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos recomenda para os reclusos nas prisões;
- Observa-se que apenas 10,8% das crianças que frequentam creches e jardins de infância brincam nos espaços exteriores/recreios durante os três meses de inverno;
- Nas creches, os bebés com menos de 1 ano apenas realizam, em média, duas saídas ao exterior durante os três meses de inverno;
- O número de horas semanais previstas na matriz curricular do 1º Ciclo para os/as alunos/alunas do 3º e 4º ano ronda as 32,5 horas, incluindo as atividades de enriquecimento curricular (AEC);
- As crianças portuguesas passam 40 horas semanais nas creches e nos infantários, mais de 10 horas do que a média europeia;
- Nos últimos 20 anos, as crianças perderam em média 8 horas de brincadeira livre por semana”. (Estudo realizado pela marca Skip: “Os Valores das Crianças”, 2016; Aida Figueiredo, “Interação Criança-Espaço Exterior em Jardim de Infância”, 2015; Matriz Curricular do 1º Ciclo, Direção-Geral da Educação, 2016) (Neto, 2020)

Desta forma, é urgente reconhecer o brincar ao ar livre como uma atividade fundamental para o desenvolvimento saudável da criança e como uma ferramenta de aprendizagem a ser implementada pelas escolas, professores e educadores, pois como referido anteriormente, é uma forma preciosa de incentivar e motivar as crianças a aprender e a suscitar mais interesse e curiosidade nelas próprias.

5. Brincar ao ar livre como meio facilitador de aprendizagem

A literatura sugere a implementação de mais aulas ao ar livre, pois o contacto das crianças com o ar livre é visto como o impulsionador de motivação para aprender. Neto (2020), afirma que as escolas devem implementar mais aulas no exterior, as crianças devem ter mais contacto com a natureza, pois este contacto proporciona muitos benefícios, tais como, mais imunidade, motivação, entusiasmo e experiências centradas no jogo ao ar livre.

As autoras Martins e Neves, partindo da opinião de Ferland (2006), mencionam que o brincar ao ar livre é muito importante na infância e possibilita às crianças novas oportunidades que seria quase impossível serem experienciadas num espaço interior. No que concerne ao brincar como um meio facilitador de aprendizagem, pode afirmar-se que as crianças aprendem brincando. É perceptível que as crianças são mais felizes ao ar livre, podendo-se também afirmar que as crianças têm uma grande necessidade de realizar atividades ao ar livre e entrar em contato com outros materiais (Martins & Neves, 2020).

Na perspetiva de Moss (2012), crianças que aprendem em ambiente *outdoor*, aprendem mais, compreendem mais, sentem-se melhor, trabalham de forma mais cooperativa e são fisicamente mais saudáveis.

Na ótica de Tiriba (2018) citado por Melegari & Guimarães (2022), destaca-se que privar a criança dos benefícios de interagir e relacionar-se com a natureza, resulta nas seguintes:

“As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, défice de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto” (Tiriba, 2018, p. 16).

Em concordância com este aspeto, entende-se que a brincadeira na natureza é essencial para a infância e que a criança precisa desta relação para se desenvolver. É através do brincar livre ao ar livre que a criança explora, se desenvolve e adquire benefícios ao nível da sua saúde física e mental.

Esta autora refere ainda que o/a adulto/a, ao proporcionar experiências diversificadas de invenção e criação, integrando a natureza e os seus elementos, proporciona significativamente a aprendizagem nas crianças. As áreas ao ar livre, rodeadas de natureza, proporcionam uma maior diversidade de brincadeiras livres e exploração do mundo que as rodeia assim como este funciona e o que existe nele.

Esta autora relembra-nos que a criança correr, subir às árvores ou sujar-se, influencia no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. No entanto, não proporcionar estes momentos, acarreta-lhe prejuízos e desprove-as de experiências e de novos conhecimentos. Ainda sobre a visão de Tiriba, destaca-se:

“Brincar na areia, participar de piqueniques à sombra das árvores, pendurar-se nelas, encantar-se com o canto dos pássaros ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida. Simultaneamente, a qualidade sistêmica da natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, valores fundamentais para pensar sua ação no mundo e as próprias relações sociais, incluindo reflexões sobre o paradigma antropocêntrico.” (Tiriba, 2018, p. 21-22)

Compreende-se, desta forma, que não é necessário estar sempre a comprar brinquedos pois a natureza tem uma fonte inesgotável de recursos que se podem transformar em brinquedos nas mãos das crianças, tais como, as folhas, as conchas da praia, a areia, as pedras, como muitos outros. Estes elementos, através da brincadeira, podem tornar-se materiais e recursos potenciadores de diferentes aprendizagens para as crianças.

Beloglovsky e Daly (2014), expõem várias propostas de brincadeiras utilizando vários elementos de peças soltas, tais como, molas, botões, pinhas, pedras, para desenvolver a imaginação das crianças. As peças soltas são materiais naturais ou sintéticos encontrados, comprados ou reciclados que as crianças podem mexer, mover, manipular, controlar e alterar durante as suas brincadeiras.

O relatório publicado pelo Concelho de Saúde Holandês (RMNO, 2004), analisou vários estudos e conclui que o contacto com a natureza proporciona várias experiências sensoriais e promove um autoconceito positivo, assim como a preocupação com a natureza, proporcionando o desenvolvimento social e emocional da criança. O contacto direto com a natureza através do brincar, também promove o desenvolvimento de várias competências como a autoestima, a concentração e a habilidade para lidar com eventos stressantes. Outra conclusão deste relatório concerne no facto de que experiências na natureza, durante a infância da criança, produzem bases para o desenvolvimento futuro de atitudes positivas face ao ambiente e importância de o preservar.

Neste sentido, é importante que profissionais de educação e famílias proporcionem situações desafiadoras às crianças, que as levem a brincar também a partir de materiais naturais como a folha, a água, os elementos da natureza, é importante que a criança explore e adquira aprendizagens, pois elas necessitam de sair das quatro paredes e ter tempo de liberdade para explorar e brincar ao ar livre.

Outro aspeto de destaque é que o brincar torna-se um meio de a criança se desenvolver e realizar conquistas e aprendizagens de forma informal e espontânea.

Capítulo II. Enquadramento Metodológico

Neste capítulo estão definidos o problema da investigação, tal como os objetivos, a explicação do tipo de metodologia utilizada nesta investigação, a exposição dos participantes deste estudo e as técnicas de recolha de dados utilizada durante este estudo.

1. Definição do Problema e Objetivos

A problemática desta investigação recai sobre a importância do brincar ao ar livre e sobre como este tipo de brincar é importante para o desenvolvimento saudável das crianças.

A investigação e a prática foram desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar e em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico e, em ambos os contextos, iniciou-se pela observação, tendo havido possibilidade de observar o contexto, o que permitiu observar o ambiente formal em que as crianças estavam inseridas. Através desta observação houve oportunidade de conhecer as crianças, as suas necessidades, interesses, gostos, rotinas e metodologias de trabalho.

Seguidamente foi organizado o plano de intervenção, com foco no brincar no exterior de forma não estruturada, e a possível contribuição deste meio ao nível das aprendizagens. A intervenção foi sempre planificada para ir ao encontro das opiniões, curiosidades, interesses e necessidades das crianças, tentando, desta forma, promover experiências significativas para aquisição de competências e conhecimentos.

Este tema emergiu durante a Prática Profissional II, em contexto de Educação Pré-Escolar, onde houve oportunidade de contactar com crianças com várias necessidades e interesses em brincar e explorar o espaço envolvente, mas estavam confinadas à sala, onde tiveram escassas oportunidades de brincar ao ar livre. As crianças passavam o dia inteiro, todos os dias da semana, limitadas a brincar dentro do espaço da sala, o que para algumas, se tornava aborrecido pois as brincadeiras eram sempre as mesmas e a exploração do espaço estava mais que realizada, sem nada de novo para explorar e brincar. Algumas crianças perguntavam com frequência quando poderiam brincar no

espaço exterior, constatando-se que a necessidade do exterior era algo comum a todas as crianças. Deste modo era necessário planificar e implementar atividades de brincar ao ar livre que promovessem o desenvolvimento integral das crianças.

No contexto atual, devemos considerar o brincar ao ar livre como um poderoso aliado da aprendizagem e do desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional nas crianças. Porque é que profissionais de educação e famílias não facultam oportunidades para as crianças brincarem ao ar livre? Porque é que o brincar em espaços fechados é mais frequente e recorrente que o brincar ao ar livre?

Este estudo centra-se na importância e nos benefícios que o brincar ao ar livre proporciona às crianças, assim como nas várias aprendizagens que podem ser adquiridas neste ambiente, e em qual a importância que profissionais de educação e famílias colocam no brincar ao ar livre. O foco deste estudo é contribuir para a discussão deste tema e é incentivar a que as crianças venham a brincar mais ao ar livre e a explorar o meio envolvente, recorrendo a diferentes materiais, brincadeiras e jogos.

Pretende-se incentivar o brincar ao ar livre através de uma disponibilização de espaços na natureza, de vários materiais não estruturados e estruturados e de diversos tipos de jogos que proporcionem às crianças diferentes tipos de aprendizagens. Segundo as OCEPE é fundamental que exista uma “(...) introdução de materiais e equipamentos que apelem à criatividade e imaginação das crianças e que atendam a critérios de qualidade (...)” (I. L. da Silva et al., 2016, p. 27).

De acordo com a literatura anteriormente evidenciada, pode assumir-se que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, socialização, habilidades motoras, intelectuais, emocionais e criativas das crianças. Assim, com esta investigação pretende-se responder à questão ***qual a importância dada por quem é agente educativo (família e profissionais de educação) ao brincar ao ar livre?***

Para procurar responder a esta questão, pretende-se:

1. Identificar perceções e atitudes de profissionais de educação e de famílias face à atividade do brincar ao ar livre;

-
2. Compreender se famílias e profissionais de educação identificam os benefícios do brincar ao ar livre;
 3. Verificar se profissionais de educação e famílias estimulam o brincar ao ar livre.

Em simultâneo, é intenção:

- Promover a reflexão sobre a prática pedagógica, e a prática do brincar como forma de construção de conhecimento por parte da criança;
- Promover o brincar livre, criando um espaço estimulante que promova as competências do brincar.

2. Metodologia de investigação

De acordo com Sousa, M. & Baptista, C., (2011:52), citado por Medeiro (2016), a metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação, que vai influenciar a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequados aos objetivos que se pretendem atingir e esta pode ser de carácter quantitativo ou qualitativo.

A metodologia quantitativa é maioritariamente utilizada até à década de 1970, em que os dados são expressamente numéricos, existindo uma dependência em medidas, números, descrições numéricas, experiências e relações. Atualmente, os estudos revelam-se de carácter qualitativo ou mistos, em que são utilizadas as duas abordagens.

No que concerne à metodologia qualitativa e na opinião de Strauss e Corbin (1998:11), citado por Guerreiro (2022), esta “refere-se à investigação sobre a vida das pessoas, as experiências vividas, os comportamentos, as emoções (...)”.

De acordo com Bogdan & Biklen (1994), citado por Guerreiro (2022), pode verificar-se que a investigação qualitativa tem cinco características:

- “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador, o instrumento principal”. Estes entendem “que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan & Biklen, 1999, p. 48).
- A investigação qualitativa é descritiva. Quem pesquisa/investiga recolhe os dados através de imagens e palavras, sendo que esses dados contêm transcrições de notas de

campo e fotografias, por exemplo. Mais, tentam ser o mais exato possível nas suas transcrições para que nenhuma informação seja perdida ou modificada;

- Durante a investigação qualitativa, o processo tem uma maior importância que o produto final. O interesse do/a investigador/a centra-se nas perguntas “como?” e “porquê?”, dando ênfase ao desenvolvimento do estudo e não ao seu produto;
- Os/As investigadores/as não recolhem dados para tentar confirmar hipóteses construídas anteriormente, mas sim para os desenvolver através das informações obtidas, que vão sendo reunidas ao longo da investigação;
- O significado é muito importante na abordagem qualitativa. O/a investigador/a questiona constantemente os sujeitos da investigação, sendo que se preocupa em entender aquilo que eles vivenciam, o modo como compreendem as suas experiências e o modo como organizam o mundo social em que vivem.

Em suma, na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente em que decorre como origem direta de todos os dados obtidos. Esses dados são de natureza descritiva, expondo, com rigor, tudo o que foi analisado. O/A investigador/a dá mais importância ao processo em si do que ao produto obtido, e os dados recolhidos auxiliam a desenvolver hipóteses ao longo da investigação. A opinião de quem participa no estudo é considerada importante e não deve ser descartada.

Para dar resposta às questões e objetivos que surgiram no decorrer desta investigação, optámos por uma metodologia de investigação mista, ou seja, qualitativa e quantitativa, esta última para dar resposta aos seguintes objetivos 1., 2. e 3., recorrendo também à análise de dados recolhidos em inquérito por questionário. No que concerne à metodologia qualitativa, esta é utilizada nas situações implementadas e vividas no decorrer das práticas profissionais, sendo que o trabalho foi conduzido em contacto direto com crianças em contexto de Educação Pré-Escolar, durante um período de 4 meses, e em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ano), também num período de tempo com a duração de 4 meses. Foi possível estabelecer uma relação de maior confiança que favoreceu a recolha de dados, nomeadamente através de observação direta, da elaboração de notas de campo, de conversas informais, de dinâmicas

intergrupais e inquéritos por questionários implementados no final das práticas profissionais.

No final da intervenção, foi feita a análise e interpretação global dos dados recolhidos, terminando na apresentação quantitativa desses dados através de gráficos e tabelas.

De salientar que este envolvimento ativo na causa da investigação não nos impediu de, tanto quanto possível, registar os dados recolhidos de forma clara, objetiva, honesta e rigorosa.

3. Participantes no estudo

Esta investigação desenvolveu-se na cidade de Beja, em dois momentos diferentes, sendo que a vertente em Educação Pré-Escolar foi realizada numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), em que participaram 24 crianças e a Educadora da sala onde se realizou a Prática Profissional II.

“Na educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de socialização através da relação entre crianças, crianças e adultos e entre adultos. Esta dimensão relacional constitui a base do processo educativo.” (I. L. da Silva et al., 2016, p. 24)

Este era um grupo de crianças ativas, impulsivas, que aderiam com entusiasmo às atividades propostas. Eram crianças bem-dispostas, interessadas, que gostavam de colaborar nas atividades e que tinham iniciativa para propor outras atividades. Tinham boa relação com as pessoas adultas e um bom sentido de colaboração e partilha. Na sua maioria, eram crianças autónomas na satisfação das suas necessidades diárias, sendo que, no entanto, algumas crianças ainda manifestavam algumas dificuldades a este nível.

O segundo grupo observado, referente a uma turma de 2.º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Beja, Escola Santiago Maior. Este é um grupo que se interessa por aprender coisas novas e muito participativo, embora não cumpra adequadamente a regra de esperar pela sua vez. Contudo, o clima de sala de aula é de bem-estar, interajuda e segurança.

As/Os encarregadas/os de educação dos/as alunos/as foram contatados/as, no sentido de lhes ser entregue um pedido de consentimento informado para que as crianças pudessem participar no estudo (Apêndice II). Apenas uma não participou, devido ao facto de não ter tido autorização por parte do/ Encarregado/a de Educação, participando uma totalidade de 19 crianças.

Para além das crianças, a Educadora e a Professora que acompanharam estes grupos, foram partes integradoras no presente estudo, uma vez que, para além de fazerem o acompanhamento da prática supervisionada, também responderam aos inquéritos por questionário que constitui um dos instrumentos de recolha de dados para o presente trabalho. As famílias dos/as alunos/as do 1º Ciclo do Ensino Básico também participaram neste estudo, no sentido responderem a um inquérito por questionários sobre a importância dada por si ao brincar no exterior.

Número Total da Amostra	51
Indivíduos do Sexo Masculino	22
Indivíduos do Sexo Feminino	21
Docentes Cooperantes	8
Número de crianças que não participaram	1

Tabela 1- Resumo da amostra

4. Técnica(s) de recolha de dados

4.1 Análise Documental

A sociedade contemporânea produz um conjunto virtualmente infinito de documentos cujo acesso é permitido de forma livre e gratuita, através dos meios tecnológicos.

De acordo com Silva & Dixe (2020), a análise documental corresponde ao processo de seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos cujo formato pode ser escrito, áudio e vídeo. Recorrendo, especialmente, a fontes de informação, o objetivo consiste em saber o que já foi feito numa determinada área e não se repetir.

A análise documental, tem como funções primordiais:

-
- a) Possuir conhecimento acerca dos trabalhos existentes e disponíveis sobre questões específicas;
 - b) Conhecer os conteúdos, as questões cruciais, e as lacunas existentes e o atual estado de conhecimento;
 - c) Promover uma visão sobre as bases e o rumo da investigação (p.16).

Por fim, e em concordância com as referências anteriores, a análise documental “torna o trabalho do investigador mais claro, na medida em que lhe confere ferramentas para compreender o fenómeno, à luz daquilo que já foi feito, ou então para perceber o caminho que há ainda a percorrer.” (S. Silva & Dixe, 2020, p. 16)

4.2 Observação

A observação é uma técnica essencial à realização de uma investigação. Vázquez & López (1978) citados por Santos (1994), revelam a importância da observação referindo que:

“para adquirir a ciência real dos homens, da intimidades e estrutura da vida é estritamente indispensável praticar pessoalmente a observação. Não se trata de uma observação superficial, mas de uma observação científica. Para isso é preciso estar-se em estado de atenção constante, fazer uma observação tão objetiva quanto possível, depois de se ter tornado firme a decisão e a atitude psíquica de inclinar-se escrupulosamente perante os temas” (Vázquez & López, 1978 *apud* Santos, 1994, p.2).

Em sintonia com Santos (1994), a observação processa-se da seguinte forma: Formulação do problema; Recolha de dados; Análise e interpretação dos dados observacionais; Comunicação dos resultados (p. 2).

A autora apresenta algumas vantagens relacionadas com a utilização desta técnica:

- a) Permite obter informações realistas;
- b) Permite estar atento a comportamentos/attitudes que são considerados, pelos observados, pouco importantes;
- c) Permite reduzir algumas resistências por parte dos observados já que, habitualmente, não se solicita uma cooperação tão ativa como nos outros métodos (como por exemplo a entrevista) (p.3)

Contudo, a observação também possui algumas limitações adjacentes, tais como: dificuldade em prever a ocorrência de determinados acontecimentos, possibilidade de haver interferência do/a observador/a, que podem alterar a postura do observado e a

observação também pode ser bastante condicionada pela duração e natureza dos acontecimentos (p.4).

Após a consulta das demais fontes, explana-se a observação participante como sendo aquela em cujo observador participa na vida do grupo que está a estudar. O observador desempenha um papel definido na organização social que observa. António Gil (2008) refere que, neste tipo de observação, o observador “assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (Gil, 2008, p.103). Esta forma de observação é utilizada neste estudo.

4.3 Notas de campo

Da observação direta realizada durante as atividades implementadas ao ar livre, foram reunidos alguns apontamentos que constituíram um relato escrito do que se viu e ouviu das crianças do grupo de Educação Pré-Escolar, aquando da participação nas atividades planificadas e implementadas para este estudo.

As notas recolhidas por meio da observação devem ter uma parte descritiva e outra reflexiva. A parte descritiva compreende um registo detalhado daquilo que ocorre no campo da investigação: descrição física e aspetos que realçam dos sujeitos, reconstrução dos diálogos, descrição dos locais, dos eventos, das atividades tendo em consideração o próprio carácter temporal e o comportamento do investigador, nomeadamente atitudes, ações e conversas com os participantes. O carácter reflexivo permite ao investigador registar o seu ponto de vista, as suas ideias e as suas preocupações no momento, as suas especulações, sentimentos, problemas, impressões, dúvidas, incertezas, surpresas e deceções...

4.4 Inquérito por Questionário

O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de dados que consiste na exibição de questões escritas que deverão ser respondidas igualmente por escrito.

Este instrumento que tem como objetivo a recolha de informação detida pelas pessoas respondentes acerca dos seus conhecimentos, valores ou convicções, é muito utilizado em investigação educacional.

Para ser considerado validado e de modo que os dados obtidos através do mesmo sejam verdadeiros, é essencial que a elaboração do questionário seja rigorosa e obedeça a normas de substância e a características técnicas das questões apresentadas, tais como:

- As perguntas devem ser dos tipos, fechada, múltipla escolha ou resposta aberta.
- Deve traduzir a informação necessária num conjunto de perguntas específicas que os entrevistados podem e irão responder;
- Deve motivar e incentivar os inquiridos a terminarem o questionário;

Este instrumento é de simples análise e permite a recolha de informação rápida, sem grande incómodo para cada respondente, que o pode preencher quando mais lhe convier.

4.5 Questionário à Educadora de Infância

O inquérito por questionário foi aplicado à Educadora de Infância (Apêndice I), *online*, através do Google® Forms², sendo utilizado para entender as perspetivas que a educadora detém sobre a importância do brincar ao ar livre. Foi utilizado o questionário de resposta fechada, ou seja, apresentado questões de resposta fechada, com escolha múltipla. Este questionário é constituído por oito questões, questões estas para perceber a importância que o brincar tem para a educadora, se esta encontra vantagens no brincar ao ar livre e se utiliza esta prática com o seu grupo.

A implementação deste questionário foi realizada no dia 12 de dezembro de 2022, os dados foram tratados e analisados de forma quantitativa, através de estatística.

²Para complemento, consultar: <https://forms.gle/oBWnka6CWuR3mT2b7>;

4.6 Questionário à Professora

O inquérito por questionário à Professora do grupo de 1º Ciclo do Ensino Básico (Apêndice IV), foi também aplicado de forma *online*, através do Google® Forms³, e teve como objetivo perceber quais as perspetivas da Professora em relação a como o brincar ao ar livre pode contribuir para a aprendizagem das crianças. Este questionário, tal como o anterior, é de resposta fechada, e contém oito questões sobre se o brincar ao ar livre é considerado uma estratégia pedagógica, ou se a Professora estrutura e planifica atividades de brincar ao ar livre, entre outras.

A implementação deste questionário foi realizada no dia 9 de maio de 2023, e os dados foram tratados e analisados.

4.7 Questionário às famílias das/os alunas/os do 1º Ciclo do Ensino Básico

Este instrumento (Apêndice V), aplicado *online*, através do Google® Forms⁴, teve como intuito perceber a posição das famílias sobre a importância do brincar ao ar livre para as aprendizagens das crianças. Foi utilizado um questionário de resposta fechada, ou seja, apresentadas questões de resposta fechada, de escolha múltipla. Este questionário é constituído por nove questões, para pretender perceber qual a importância que as famílias dão ao brincar no exterior, com que frequência as suas crianças brincam no exterior e se o fazem sozinhas ou acompanhadas por pais/mães/encarregados/as de educação, entre outras questões importantes para este estudo.

Este questionário foi implementado entre os dias 23 e 26 de maio de 2023, os dados foram tratados e analisados.

4.8 Questionário às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico

O questionário às crianças do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico (Apêndice VI), foi aplicado por escrito em papel A4, a pedido da Professora da turma, de forma a ser mais

³ Para complemento, consultar: <https://forms.gle/TKNKR5cERHtMTkSJ9>;

⁴ Para complemento, consultar: <https://forms.gle/q13stiWVcxDcUFS98>;

rápido e prático para as crianças. Aqui também foi utilizado o questionário de resposta fechada, por questões de escolha múltipla.

Este questionário é constituído por onze questões, com o objetivo de perceber com que frequência as/os alunas/os brincam, se costumam brincar ao ar livre ou não, se as famílias participam nessa atividade, e se as atividades de brincar/jogar implementadas durante este estudo foram importantes para si.

Este questionário foi implementado no dia 15 de junho de 2023, e os dados foram tratados e analisados estatisticamente.

Capítulo III. Intervenção

Neste capítulo são apresentados os contextos e caracterizações das instituições onde foram realizadas as práticas profissionais II e III, assim como, a descrição das atividades planeadas e implementadas em ambos os contextos.

Parte I – Contexto de Educação Pré-Escolar

1. Contextualização

1.1 Caracterização do Estabelecimento

O Patronato de Santo António (Patronato) é uma IPSS, cofinanciada pelo Ministério do Trabalho e da Segurança Social, situa-se na Rua de S. Sebastião, numa zona limítrofe que é também das mais antigas da cidade de Beja. O seu funcionamento é assegurado pelas Irmãs Oblatas, uma ordem religiosa, e dá resposta social Creche e Pré-Escolar.

Por volta do ano 1954 o edifício foi entregue à Congregação das Oblatas do Divino Coração para que se criasse uma obra de apoio a crianças desfavorecidas, princípio ainda hoje defendido pelo Patronato. Com as mudanças sociais, o Patronato abriu as portas a todas as crianças da cidade, dando prioridade às mais desfavorecidas e às famílias que precisem de trabalhar e não tenham onde deixar as suas crianças.

Segundo o *site* institucional⁵, o Patronato tem como objetivos gerais:

- Desenvolver estratégias de consciencialização dos intervenientes da ação educativa para um trabalho conjunto;
- Incentivar um trabalho entre escola/família e comunidade envolvente, realçando a importância de uma cooperação e participação;
- Dinamizar os espaços exteriores de forma a contribuir para a sua crescente valorização;
- Potencializar o desenvolvimento pessoal e social da criança levando-a a adquirir valores e atitudes de solidariedade e respeito mútuo;

⁵ Para complemento, consultar <https://www.patronatosantoantonio.pt/>;

- Desenvolver a expressão e comunicação partindo de uma sensibilização estética conduzindo a criança à observação e experimentação do meio que a rodeia;
- Estimular a criatividade da criança partindo das suas características individuais de forma que se realizem aprendizagens significativas e diferenciadas.

Mais, o Patronato assume ter como missão responder às necessidades das famílias, possibilitando em igualdade de oportunidades, que as crianças cresçam nos valores cristãos e participem ativamente nas suas aprendizagens e partilha de saberes, privilegiando as famílias mais carenciadas.

A seguir, desenvolvemos as dimensões do Ambiente Educativo, estas estabelecem relações entre si e para que o ambiente educativo tenha um bom funcionamento, estas dimensões não devem estar separadas umas das outras. O ambiente educativo está inserido numa sociedade e num meio específico, e dentro do estabelecimento de ensino, a criança, o grupo e a famílias são agentes que devem estar em simbiose para que a prática educativa, as relações estabelecidas entre estas dimensões e o ambiente educativo funcione de forma benéfica.

Para isto é importante ter atenção à forma como o estabelecimento de ensino está organizado, à organização do ambiente educativo da sala e dentro desta organização é fundamental entender como o grupo, o espaço e o tempo estão organizados assim como as relações existentes entre a comunidade educativa e as famílias. Todas estas dimensões e agentes são imprescindíveis para um ambiente educativo impulsionador de aprendizagens significativas.

1.2 Caraterização do grupo de crianças

O grupo heterogéneo é composto por vinte e quatro crianças, distribuídas por sexo e idade conforme os dados apresentados na tabela seguinte:

Idade \ Sexo	Masculino	Feminino	Total
Três anos	5	3	8
Quatro anos	2	7	9
Cinco anos	6	0	6

Seis anos	1	0	1
Total	14	10	24

Tabela 2- Distribuição por sexo e idade

Sendo este um grupo heterogéneo, as características e necessidades são muito diferentes, sendo que esta heterogeneidade é vantajosa para o grupo, em termos de desenvolvimento, pois possibilita interações entre crianças com níveis de desenvolvimento diferentes e conhecimentos variados, promovendo-se múltiplas aprendizagens, e “sendo a diversidade encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada criança” (I. L. da Silva et al., 2016, p. 10). Desta forma, é fundamental que equipa educativa consiga, transmitir, às crianças, a importância da inclusão e aceitação de todos. Segundo a autora acima referida:

“A inclusão de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos. A interação e a cooperação entre crianças permitem que estas aprendam, não só com o/a educador/a, mas também umas com as outras”.

De acordo com a Educadora da sala, é um grupo de crianças ativas, impulsivas, que aderem com entusiasmo às atividades propostas pela equipa educativa. São crianças bem-dispostas, interessadas, que gostam de colaborar nas atividades e têm iniciativa para propor outras atividades. Têm boa relação com as pessoas adultas, e têm um bom sentido de colaboração e de partilha.

São crianças que gostam de conversar e de partilhar novidades. No entanto, o grupo apresenta muitos elementos que ainda se dispersam nas conversas de grande grupo, sendo que a sua capacidade de atenção/concentração ainda é reduzida. Até à data demonstram ter dificuldade em interiorizar algumas regras da sala de atividades, embora já tenham interiorizado a rotina diária. Demonstram interesse em atividades de expressão plástica, brincar livre, ouvir histórias e brincar no exterior.

1.3 Equipa Educativa

A equipa educativa da Sala do Moinho é composta por uma educadora e uma auxiliar de ação educativa. Tanto a Educadora com a Auxiliar, têm uma relação muito positiva com as crianças, mostrando-se sempre disponíveis a ajudar todas as crianças, são carinhosas, compreensivas e atenciosas.

Inclui-se aqui a Professora de Música que dinamizava pequenas sessões de música com o grupo, às quartas-feiras na parte da tarde.

1.4 Organização e Gestão do Tempo

Apesar de existir uma rotina ao longo do dia, da semana e do mês, consideramos que a criança ao gerir o seu próprio tempo dentro dessa mesma rotina assume um papel interventivo e regulador da sua própria atividade.

De acordo com Oliveira-Formosinho & Araújo (2018, p. 54), o espaço pedagógico deve ser um lugar para habitar, para abrigar, acolher, este deve ser flexível, organizado, amigável, seguro, lúdico, cultural e deve ser aberto às vivências e interesses das crianças e comunidades. Estas referem ainda que, o tempo e o espaço são interdependentes na criação de aprendizagem experiencial.

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
09:00	Acolhimento “Contar, Mostrar, Escrever” (Diálogo em grande grupo)				
09:30	Atividades em diferentes áreas e projetos	Saídas ao exterior da escola ou atividades na sala	Atividades em diferentes áreas e projetos	Arrumação de Trabalhos	
10:40	Pausa				
11:00	Continuação das atividades na sala		Educação Física	Continuação das atividades na sala	
11:25	Arrumar a sala				
11:40	Comunicações				
12:00	Almoço/Descanso/Intervalo				
14:30	Animação Cultural/ Trabalho Curricular compartilhado pelo grupo Balanço em conselho			Conselho; Escolha de Texto; Planificação da semana seguinte; Distribuição das tarefas da próxima semana.	
15:30	Lanche				

Tabela 3-Rotina Semanal da Sala do Moinho

1.5 Caracterização dos Espaços

O espaço exterior na sua maioria é de fácil acesso e apresenta várias áreas pensadas para que as crianças se estejam sempre em segurança.

Este está dividido em 4 zonas: caixas de areia, uma zona própria com areia para as crianças explorarem e brincarem livremente. O Jardim das Flores, espaço ao ar livre rodeado de vários canteiros de flores e algumas árvores. O Recreio Polivalente, que é constituído por uma área coberta e outra descoberta, estando esta rodeada por canteiros de flores, com grades altas e um portão de acesso, tem duas árvores de sombra ao centro, pavimento *tartan* onde existe escorregas e várias casas para as crianças brincarem.

O maior espaço ao ar livre rodeado de várias árvores, flores, relva e natureza é o Jardim das Oliveiras. Este espaço, nem sempre é de fácil acesso devido ao facto de a porta estar sempre trancada. Infelizmente, este espaço quase não foi utilizado pelas crianças da Sala do Moinho, embora seja um espaço facilitador de muitas aprendizagens e brincadeiras,

se fosse bem aproveitado e utilizado pedagogicamente era um espaço muito importante para o brincar ao ar livre como também impulsionador de múltiplas aprendizagens e conhecimentos.

Os espaços exteriores utilizados para a realização das atividades implementadas durante este estudo foram o Jardim das Oliveiras, o Jardim das Flores e o espaço exterior junto ao lar.



Imagem 1- Jardim das Oliveiras



Imagem 2- Jardim das Flores



Imagem 3- Espaço exterior rodeado de natureza

2. Atividades desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar

Desde o início da Prática Profissional II, foi possível constatar que as crianças sentiam uma necessidade em brincar no exterior. Era notório proporcionar outros tipos de

brincadeiras num espaço maior e ao ar livre, para as crianças explorarem e brincarem livremente, fora das quatro paredes.

Nos primeiros dois meses desta prática profissional, as crianças apenas tiveram a possibilidade de brincar ao ar livre duas vezes, sendo que passavam os seus dias a brincar confinados ao espaço da sala, todos os dias da semana. Isto sucedeu porque foram dois meses muito chuvosos e estavam temperaturas muito baixas, o que influenciou a educadora da sala a não proporcionar atividades ao ar livre.

Durante esta investigação foram sendo observados os comportamentos das crianças bem como os gostos e os interesses que iam sendo manifestados. Quando as crianças passavam a semana inteira dentro da sala a brincar, existia um maior número de conflitos entre pares, sendo que o seu envolvimento nas brincadeiras ia diminuindo, eventualmente, porque já estavam sempre a praticar os mesmos tipos de brincadeiras. Houve a necessidade de levar as crianças para o exterior e disponibilizar diferentes tipos de objetos, para poderem explorar livremente e daí surgirem as mais variadas brincadeiras, de acordo com a imaginação e criatividade delas.

A partir desta necessidade observada foram pensadas, planeadas e colocadas em prática diversas atividades de brincar ao ar livre para as crianças.

Os objetivos principais da implementação destas atividades consistiam em promover o desejo de brincar ao ar livre, promover o respeito pela natureza e pelo meio ambiente, promover a aquisição de conhecimentos e habilidades físicas, cognitivas e sociais nas crianças. Como estudado anteriormente, e de acordo com vários autores, o brincar ao ar livre proporciona momentos de prazer, felicidade, criatividade, aumenta os laços sociais, aumenta a imunidade, entre muitos outros aspetos essenciais, desta forma, todos estes objetivos são fundamentais e marcantes para o desenvolvimento e crescimento saudável das crianças.

A implementação e execução destas atividades de brincar ao ar livre realizou-se num período, entre novembro de 2022 e janeiro de 2023.

1.ª Atividade: Recolha de folhas para a atividade de pintura e exploração do espaço exterior do Castelo de Beja

Esta atividade surgiu a partir da necessidade de recolher folhas de árvores para a realização de uma atividade de pintura sobre o outono. Na parte da manhã, houve oportunidade de visitar os jardins exteriores do Castelo de Beja, e as crianças livremente apanharam diversas folhas de árvores e exploraram o espaço envolvente. Posteriormente, o grupo foi dirigido até ao pátio exterior do Castelo de Beja e foi permitido que as crianças explorassem o espaço em si e brincassem livremente com os materiais e elementos naturais que encontrassem.

Durante esta atividade, observou-se um pequeno grupo de crianças que brincava à apanhada, outro pequeno grupo que brincava às escondidas, e era possível observar ainda, algumas crianças que encontravam pequenos paus de árvores e desenhavam tudo o que lhes vinha à sua imaginação e criatividade, no chão de terra do pátio.

Sendo a primeira saída, neste período, a um espaço exterior ao Patronato, as crianças demonstraram-se muito felizes e entusiasmadas em explorar os dois espaços, mostraram muito envolvimento ao recolher as folhas para a pintura e a explorar o jardim, tal como, se mostraram muito contentes dentro do pátio do Castelo e entusiasmadas por explorar o espaço e brincar livremente.



Imagem 4- Crianças a apanhar folhas na natureza



Imagem 5- Crianças a brincar no exterior do Castelo de Beja

Foram observadas várias crianças a desenhar na terra com pequenos paus que encontravam e podia verificar-se que as mesmas estavam muito entusiasmadas e concentradas com os seus desenhos. Ao assistir a uma das crianças que estavam a fazer um desenho no chão, com um galho que encontrou, e observando-a muito entusiasmada com a sua arte, foi questionada sobre a mesma:

PA⁶: “O que estás a desenhar?”

C⁷: “É um caracol!”

PA: “Estás a desenhar um caracol porquê?”

C: “Porque os caracóis andam na terra.”

No decorrer desta pequena conversa, outra criança juntou-se para observar o desenho do colega e começaram a fazer mais desenhos em conjunto.

⁶ Pessoa Adulta;

⁷ Criança;



Imagem 6- Crianças a conversar sobre o desenho

Outra criança também estava a desenhar na terra com um pau, à semelhança da anterior, mostrando-se também muito entusiasmada e protegendo o seu desenho para que os restantes colegas não passassem por cima. Curiosos sobre o desenho e o porquê da criança se ter lembrado de desenhar na terra com um pau, a mesma foi questionada nesse sentido:

PA: “Estás a desenhar o quê?”

C: “Estou a fazer um boneco”.

PA: “E estás a desenhar o boneco no chão porquê?”

C: “É divertido desenhar com o pau na terra”.



Imagem 7- Criança a desenhar no chão com um pequeno galho de uma árvore



Imagem 8- Crianças a explorar o espaço

2ª Atividade: Explorar e brincar com garrafas de plástico recortadas e colocadas estrategicamente em paletes

Esta atividade consistiu na exploração livre, pelas crianças, dos materiais que foram disponibilizados, para brincar com estes materiais. Esta atividade realizou-se num espaço exterior junto a uns canteiros de pequenas árvores, perto do parque de brincar do Patronato.

Foram colocadas garrafas de plástico vazias, com buracos feitos de forma estratégica e estas foram presas às paletes também de forma estratégica para a brincadeira resultar, ou seja, as crianças iriam perceber que se deitassem areia ou pequenas pedras na garrafa de cima que estas iriam descer pela garrafa, para a garrafa que se encontrava por baixo.

Como o grupo de crianças era muito grande, existiu a necessidade de dividi-lo em pequenos grupos de quatro crianças, de forma que todas tivessem a oportunidade de explorar estes materiais e de brincar. À vez, cada grupo esteve a explorar a atividade, primeiro sem indicações, enquanto o restante grupo brincava no parque exterior, era disponibilizado alguns minutos a cada grupo para fazerem a exploração da atividade.

As crianças, inicialmente, ficaram a observar muito atentas às garrafas de plástico, aos orifícios, e à forma como estas estavam colocadas na paleta. Depois, uma das crianças pegou em pequenas pedrinhas e fez a experiência de colocar na primeira garrafa as pedras e observou que as mesmas iam caindo para as seguintes garrafas, outras que estavam presentes começaram a fazer o mesmo.

Quando as crianças colocaram pedras maiores, observaram que a pedra, por ser pesada, não deslizava pela garrafa para cair na seguinte. Rapidamente perceberam que tinham de colocar pedras mais pequenas e leves e alguma areia ou terra que encontrassem nos canteiros à sua volta, pois verificaram que o peso dos materiais influenciava a sua deslocação pelas garrafas.



Imagem 9- Atividade de exploração com garrafas de plástico



Imagem 10- Criança a observar a atividade

Uma das crianças pegou em pedras grandes e colocou-as dentro da primeira garrafa, um dos colegas estava a assistir e interrompeu-a.

C1: “Tens de colocar pequeninas, como as minhas, se não, assim não vai passar pela garrafa...”

C2: “Ah! está bem!”

Depois de terminada a atividade, as crianças foram questionadas sobre o que tinham achado sobre a mesma:

PA: “O que acharam desta atividade?”

C1: “Adorei! Nunca tinha brincado com isto, quero fazer mais vezes!”

C2: “É divertido meter as pedras e terra nas garrafas!”



Imagem 11- Crianças a colocar terra dentro das garrafas

3ª Atividade: Exploração de vários materiais não estruturados

Esta atividade tinha como objetivo colocar as crianças a explorar e brincar com diferentes tipos de objetos, tais como, bolas que se abriam, tubos de cartão de diferentes tamanhos, caixas de papelão de diferentes tamanhos, garrafas pequenas de água pintadas e com massas e arroz dentro e algumas bolas pequenas.

O objetivo era colocar as crianças a brincar ao ar livre com objetos que não estavam habituadas a brincar e explorar e verificar que tipos de brincadeiras elas criavam, conforme a sua imaginação e criatividade.

Esta atividade realizou-se no espaço exterior junto ao canteiro das flores e das laranjeiras. Com esta atividade surgiram diversas brincadeiras das crianças, como por exemplo, duas raparigas pegaram num tubo de cartão e começaram a falar para dentro dele para a outra ouvir e alternadamente, outro grupo de crianças colocou alguns tubos no chão e começaram a saltar por cima deles. Outras abriram as bolas de metal e colocaram pedras lá dentro e depois começaram a abanar as bolas e a fazer barulho com elas, ainda foi possível observar crianças que se colocaram dentro das caixas de cartão e imaginaram que estavam dentro de um barco ou sentados num sofá.



Imagem 12- Exploração de objetos

Desta atividade resultaram várias brincadeiras de acordo com os gostos e a imaginação das crianças. Observou-se uma criança a saltar por cima dos tubos de cartão e, com ela, outras crianças se juntaram à brincadeira.

PA: “O que estão a fazer?”

C1: “Estamos a ver quem consegue saltar mais rápido.”

C2: “Podemos fazer muitas coisas com estes tubos.”



Imagem 13- Brincadeiras com os tubos de cartão

Durante a exploração desta atividade observou-se duas crianças a falar por dentro de um tubo e houve curiosidade de saber ao que estavam a brincar.

PA: “Estão a brincar ao quê?”

C1: “Estamos a dizer segredos.”

PA: “E estão a utilizar o tubo porquê?”

C2: “Para ninguém ouvir os segredos.”



Imagem 14- Crianças a comunicar pelo tubo

Esta atividade teve a duração de 30 minutos, para que existisse tempo suficiente para todas as crianças explorarem todos os materiais e respectivas brincadeiras da sua imaginação. Outra brincadeira que envolveu um grande número de crianças foi a utilização das caixas de papelão, de que surgiram várias ações e espaços imaginários criados pelas crianças.

PA: “Estão a brincar ao quê?”

C1: “Estamos num barco...”

C2: “A minha loja está fechada!”

PA: “O que vendes na loja?”

C2: “Coisas.”

C1: “É a minha casa!”



Imagem 15- Crianças dentro de caixas



Imagem 16- Crianças a brincar com os objetos

4ª Atividade: Arcos e cordas pendurados nas árvores

Nesta atividade foram colocados vários arcos pendurados com cordas, dispostos em várias árvores pelo espaço do Jardim das Oliveiras. Estes arcos estavam pendurados nas árvores em diferentes alturas, uns mais altos e outros mais baixos, e as crianças, se assim o entendessem, poderiam passar por dentro deles. Foram ainda disponibilizadas várias bolas pequenas às crianças, para quem desejasse brincar e explorar diferentes atividades com os arcos e com as bolas.

O objetivo desta atividade era proporcionar às crianças várias explorações e brincadeiras diferentes no espaço ao ar livre, de acordo com a sua imaginação e criatividade.

Com esta atividade observou-se várias ações e brincadeiras criadas pelas crianças com os arcos e com as bolas. Os arcos que se encontravam mais perto do chão, as crianças utilizavam-nos para passar dentro deles e, as bolas, lançavam-nas para estas passarem dentro dos arcos e também lançavam as bolas a outras crianças, num jogo de passe e receção da bola.

Foram disponibilizados alguns arcos soltos, e um grupo de crianças colocou-se dentro dos arcos a fazer um “comboio”, em fila indiana, e percorreram o jardim nessa disposição.



Imagem 17- Atividade com arcos pendurados nas árvores



Imagem 18- Criança a passar por dentro do arco

PA: “O que estão a fazer?”

C: “Estamos a fazer um comboio!”



Imagem 19- Crianças a simular um comboio



Imagem 20- Criança a lançar a bola

Outra atividade que as crianças criaram com os arcos e com as bolas correspondia a uma delas lançar a bola de um lado do arco para esta passar por dentro do mesmo, e a criança que ficava no outro lado do arco apanhava a bola e depois lançava-a novamente por dentro do arco para a primeira. Todas estas brincadeiras que as crianças realizaram neste espaço e com os materiais disponíveis foram pensadas e inventadas por elas.

PA: “O que estás a fazer?”

C: “Estou à espera de que ele me mande a bola, para eu mandar também”.

PA: “O que acham desta brincadeira?”

C: “Eu gostei muito! Nunca tinha brincado com isto”.



Imagem 21- Crianças a brincar com arcos e bolas

5ª Atividade: Jogos em grande grupo ao ar livre

Esta atividade consistiu na realização de jogos em grande grupo ao ar livre. Estes jogos têm como objetivos trabalhar a cooperação, o trabalho de equipa, a aquisição de regras, a concentração, a destreza física e a memória. Devido ao facto de as crianças passarem os dias inteiros e até semanas sem ir à rua, o objetivo foi realizar as sessões de Educação Física ao ar livre.

Esta atividade foi executada no espaço exterior do Patronato, num espaço amplo com o chão cimentado, rodeado de flores, relva, árvores, e era possível encontrar alguns gatos domésticos a passear perto do local.

A atividade decorreu durante uma sessão de Educação Física, e consistiu na realização de dois jogos diferentes, o Jogo do Gato e do Rato, e o Jogo da Batata Quente. No primeiro, duas crianças ficavam a representar estas personagens, o rato fugia e o gato tinha de apanhar o rato, enquanto o restante grupo ficava a fazer de árvores onde tinham de se virar para a frente e para trás quando lhes era pedido. No jogo da batata quente era utilizada uma bola pequena e o grupo colocava-se em roda. Cada criança, à vez, tinha de lançar a bola a outra e não podia repetir colegas, tentando não deixar cair a bola.

As crianças gostaram muito destes dois jogos, pois eram jogos desconhecidos para elas. Mostraram-se sempre interessadas em aprender e a sua motivação para a realização dos mesmos também era maior devido à condicionante de estarem num espaço diferente do habitual e não estarem “presas” entre quatro paredes e sim livres ao ar livre. Durante o decorrer destas atividades era notório o interesse que o grupo demonstrava pela natureza e ambiente em que se encontravam, pois, no início ou final de cada atividade as crianças exploravam as flores, os pequenos animais que encontravam na relva como formigas e caracóis, cheiravam as flores e observavam algumas borboletas e gatos que passavam por lá.



Imagem 22- Jogo do gato e do rato



Imagem 23- Jogo da batata quente



Imagem 24- Crianças a participar no jogo

Parte II - Contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico

1. Contextualização

1.1 Caracterização do Estabelecimento

A Escola EB23 de Santiago Maior foi inaugurada no ano de 1985, pertence ao Agrupamento de Escolas nº1 de Beja (Agrupamento), e está situada na Avenida Comandante Ramiro Correia em Beja.

Deste agrupamento fazem parte cinco valências, acolhendo crianças em idade de Educação Pré-Escolar e de 1º, 2º, 3º Ciclos do Ensino Básico e Ensino Secundário.

O Agrupamento tem como missão:

“proporcionar a todos um serviço educativo que vise a excelência e contribua para a formação integral de cidadãos críticos e conscientes dos seus direitos e deveres, capazes de, num ambiente participado, aberto, justo, integrador e inclusivo, atuarem como agentes de mudança, numa Escola caracterizada por elevados índices de humanismo e padrões de exigência e responsabilidade, que reconheça e valorize as competências como condição de exceção para o prosseguimento de estudos, para o acesso ao mercado do trabalho e para a vida em sociedade.” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Nº1 de Beja, 2020, p. 5).

1.2 Caracterização do grupo

A turma é composta por 20 crianças, 9 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. É uma turma homogénea em idade, com idades de sete e oito anos. Uma das crianças da turma é de nacionalidade Brasileira, sendo as restantes de nacionalidade Portuguesa. Todos as crianças da turma estão pela primeira vez no 2º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico com exceção de um aluno do sexo masculino.

	Masculino	Feminino	Total
Sete anos	6	6	12
Oito anos	3	5	9
Total	9	11	20

Tabela 4- Distribuição das crianças por sexo e idade

A professora da sala refere que relativamente ao aproveitamento escolar, de um modo geral, os alunos e alunas têm bom aproveitamento, realizam as tarefas propostas e participam nas aulas, embora por vezes a comunicação oral seja fora do contexto, exista por vezes o não cumprimento das regras de comunicação oral e algumas posturas incorretas na mesa de trabalho.

É de referir que existem 2 alunos e 2 alunas com medidas universais e algumas medidas seletivas de aprendizagem. As medidas universais colocadas a estas crianças são: diferenciação pedagógica e acomodações significativas. As medidas seletivas colocadas são as seguintes: adaptações curriculares não significativas, apoio psicopedagógico e antecipação e reforço das aprendizagens.

1.3 Equipa Educativa

A equipa educativa da turma do 2º ano é composta pela professora de turma, um técnico de cante alentejano, uma professora de educação especial, uma profissional de apoio socioeducativo, uma professora de artes performativas, uma psicóloga e uma técnica de psicomotricidade.

Para além desta equipa mencionada, existe ainda uma professora de atividades extracurriculares, assim como um professor de educação física para as crianças que estão inscritos nas atividades extracurriculares.

1.4 Organização e gestão do tempo

Relativamente à organização e gestão do tempo, a turma do 2º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico organizava o seu tempo letivo de acordo com o horário escolar estruturado pela professora da turma.

As aulas iniciavam sempre às 09:00 e terminavam às 15:30. Depois desta hora, algumas crianças iam para as Atividades de Tempos Livres (ATL) ou para casa, enquanto os que estavam inscritos nas Atividades Extracurriculares (AEC), permaneciam na escola até as 17:00 e tinham essa componente com uma professora específica. A horário semanal organizava-se com a seguir:

Horário	2ª feira (20)	3ª feira (21)	4ª feira (22)	5ª feira (23)	6ª feira (24)
09:00-10:00	Apoio ao Estudo	Português	Português	Português	Estudo do Meio
10:00-10:30	Lanche/Intervalo				
10:30-11:00	Matemática	Português	Português	Português	Estudo do Meio
11:00-12:00		Português	Português	Apoio ao estudo	Matemática
12:00-13:30	Almoço				
13:30-14:30	Matemática	Estudo do Meio	Matemática	Expressão Artística	Matemática
14:30-15:30	Oficina Criativa	Estudo do Meio	Expressão Artística	Educação Física	Expressão Artística

Tabela 5- Horário semanal da turma

1.5 Caracterização dos Espaços

O espaço exterior da Escola Básica Santiago Maior disponível para as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico é um espaço muito delimitado em termos de brincadeiras ao ar livre, em termos de espaço com chão de terra, árvores e flores para as crianças explorarem apenas existe a parte da frente da escola onde não existe sombra durante praticamente todo o dia, o resto do recreio é todo alcatroado e já com brincadeiras delimitadas como o escorrega e baloiços.

Existe ainda um espaço exterior que era composto por um teto para fazer sombra, que foi utilizado para realizar as atividades com o grupo, visto ser o único sítio no exterior onde existia sombra, pois as atividades foram todas realizadas na parte da tarde e com o calor não poderia ser ao sol, para segurança e prevenção da saúde das crianças.

2. Atividades desenvolvidas em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico

Este momento da Prática Profissional III foi muito semelhante ao realizado em Educação Pré-Escolar, sendo que a investigação ocorreu em três circunstâncias: a) inicialmente existiu uma observação do tempo de recreio dos/as alunos/as e das atividades

desenvolvidas para ocupar esse tempo; b) depois a planificação e execução de diversos jogos de acordo com os interesses, gostos e necessidades do grupo, e; c) após esta realização de atividades concluiu-se a recolha de dados com a aplicação dos inquéritos por questionário às crianças da turma para perceber o impacto destas atividades.

As observações do comportamento e do tipo de atividades que as crianças praticavam durante o recreio foram realizadas durante o primeiro mês, correspondendo a março, todos os dias da semana, no intervalo da manhã que sucedia entre as 10:00 e as 10:30. Observou-se que as condições meteorológicas neste período eram sempre as mesmas, tendo estado o céu limpo. Relativamente ao tempo que passaram no exterior, todos os dias era igual, pois tinham apenas um intervalo de manhã com a duração de 30 minutos.

Durante o processo de observação dos/as alunos/as, no tempo de recreio, foi necessário permanecer todos os dias da semana, e durante toda a prática profissional, no recreio, junto dos mesmos, sem realizar qualquer tipo de registo ou filmagem, pois só desta forma se conseguiria que a nossa presença se tornasse natural, não afetando o comportamento das/os alunas/os, de forma a captar o tipo de atividades praticadas.

Durante o primeiro mês, foi questionado que tipos de atividades as crianças gostavam mais de fazer ao ar livre. O gráfico seguinte expõe as respostas obtidas:

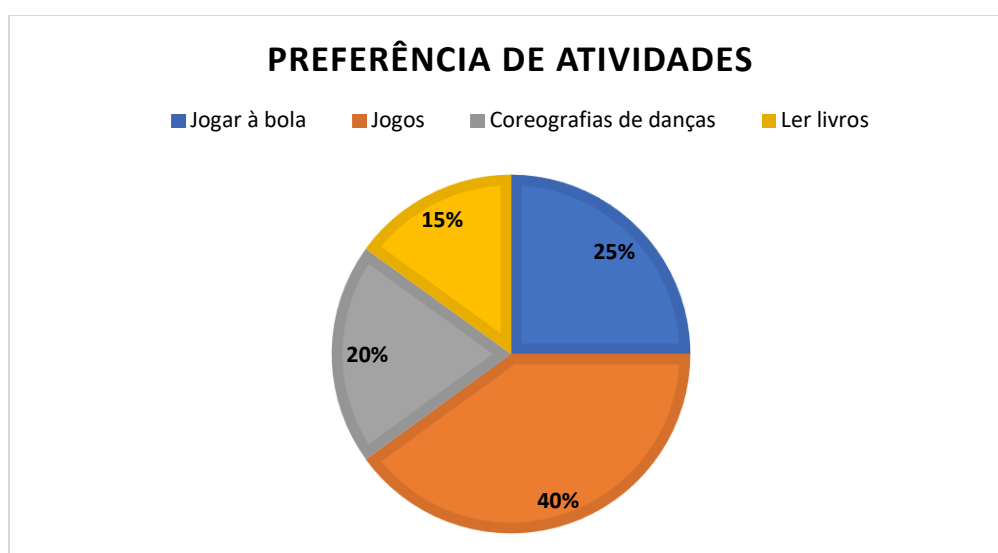


Gráfico 1- Preferência das crianças relativamente às atividades desenvolvidas no recreio

Pode verificar-se que a maior parte das crianças preferia realizar jogos durante o tempo de recreio. De acordo com este resultado foi realizada uma pesquisa sobre os tipos de

jogos os/as alunos/as já conheciam e já tinha realizado e, posteriormente foram planeados e explorados diferentes jogos.

As atividades realizadas no decorrer desta prática profissional, que são aqui expostas, foram implementadas no horário da disciplina de Educação Física que decorria à quinta-feira das 15:00 às 15:30, de acordo com o consentimento da Professora.

1º Jogo: Jogo do Lenço

Este jogo foi realizado no pátio exterior da Escola Básica, que é composto por uma cobertura de alumínio para fazer sombra pois, devido ao tempo quente e à exposição solar no horário da tarde ser mais perigosa e o espaço exterior destinado às crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico ser muito limitado, este era o único local possível ao ar livre para a realização das atividades.

Para a realização deste jogo foi necessário utilizar um lenço normal.

O objetivo que se pretendia atingir com a exploração desta atividade foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a trabalhar a concentração, a memória, a matemática, também no que concerne o reconhecimento dos números naturais, o respeito por colegas e o desenvolvimento de mais destreza física.

Inicialmente foram explicadas as regras do jogo e a sua operacionalização, tendo grupo sido dividido em duas equipas com o mesmo número de elementos. Este jogo teve a duração de 20 minutos, e a cada elemento de cada equipa foi dito um número. Quando o colega que estava noutra extremidade da área de jogo chamasse aquele número, os elementos de cada equipa que tinham esse número tinham de correr para apanhar o lenço e levá-lo para a sua equipa.

O jogo terminou quando todos os elementos de cada equipa foram chamados duas vezes, dando a possibilidade de participar mais do que uma vez.

Este foi o primeiro jogo a ser realizado com as/os alunas/os. Depois da observação constatou-se que tinham o desejo em jogar e em aprender novos jogos de grupo, pois

nas poucas aulas de Educação Física que realizaram durante o período de estágio, apenas jogavam e conheciam o jogo do mata.



Imagem 25- Jogo do lenço



Imagem 26- Crianças a participar no jogo do lenço

2º Jogo: Jogo do rei manda

Este também foi realizado no pátio exterior da escola e não foi necessário utilizar material para o mesmo.

Inicialmente foram explicadas as regras do jogo e a sua operacionalização. Seguidamente, à nossa escolha e à vez, uma das crianças ficava a fazer de “rei”, e ia pedindo às restantes que fizessem algumas ações, tal como gestos, sons e gestos de animais, imitações de colegas e ações aleatórias, conforme a sua criatividade e imaginação.

Este jogo teve a duração de 25 minutos, de forma, a que todas as crianças tivessem a oportunidade de fazer de “rei” pois, sendo um novo jogo e muito apreciado pelas crianças, todas queriam participar ativamente e até repetir várias vezes, o que teve de existir alguma coerência e organização para que todas pudessem participar e nenhum ficar de fora ou não existir repetições. A pessoa adulta que estava a orientar o jogo, ia controlando o tempo que cada criança desempenhava o papel de “rei”, de forma a todas as crianças desempenharem este papel.

O objetivo que se pretendia atingir com a exploração desta atividade foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a estimular a criatividade, a imaginação, o respeito por colegas, a concentração e o desenvolvimento de mais destreza física.

Depois da execução desta atividade, foi perceptível observar que durante os recreios, as crianças se juntavam em grupo e reproduziam os jogos que tinham realizado e explorado durante esta Prática Profissional. Outro indicador de que tinham gostado e apreciado nos jogos que lhes foram propostos, foi o facto de todos os dias perguntarem se iriam aprender e realizar novos jogos, ou até voltar a reproduzir os mesmos em contexto de aula de Educação Física.



Imagem 27- Jogo do rei manda



Imagem 28- Crianças a imitar uma colega



Imagem 29- Crianças a imitar um animal

3º Jogo: Jogo do gato e do rato

Tal como os jogos anteriores, também este foi realizado no pátio exterior da escola, na zona da cobertura de alumínio.

Inicialmente foram explicadas as regras do jogo às crianças, assim em que consistia o jogo e foram escolhidos aleatoriamente duas crianças, uma ficou com o papel de gato e a outra com o de rato. O rato tem de fugir e o gato tem de o apanhar, o restante grupo vai ficar num espaço previamente delimitado com os braços abertos a fingir que são árvores e conforme as indicações e as regras acordadas previamente, ao sinal, vão se

movimentar para a frente e para trás enquanto o gato e o rato correm por eles, estes dois não podem tocar nas “árvores”, se tocarem perdem o jogo. Quando o gato apanha o rato, estas crianças juntam-se à restante turma e são escolhidos novos elementos para realizarem estes papéis.

Este jogo também deve a duração de 20 minutos e não foi necessário utilizar qualquer tipo de material.

O objetivo desta atividade foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a estimular a concentração, a coordenação motora, a corrida e rapidez de movimentos.

Durante a realização do jogo e no final do mesmo, as crianças mostraram-se muito divertidas e felizes, foi claramente um dos jogos que elas mais gostaram de executar, todas queriam fazer os papéis de gato e rato e teve de existir uma gestão e organização do grupo e do tempo para que a grande maioria das crianças conseguisse interpretar esses papéis. Embora 20 minutos não tenham chegado para que todas conseguissem fazer de gato e rato, este jogo foi pedido para ser jogado em contexto de recreio pela turma no dia seguinte, devido ao entusiasmo e divertimento que lhes proporcionou.



Imagem 30- Jogo do gato e do rato no 1º Ciclo



Imagem 32- Crianças a jogar ao gato e ao rato



Imagem 31- Crianças a participar no jogo do gato e do rato

4º Jogo: Jogo da corda

Este jogo foi realizado no mesmo local dos jogos anteriores, para a execução do mesmo foi necessário utilizar uma corda comprida e um lenço para marcar o meio da corda. Inicialmente foi explicado as regras do jogo, em que este consistia e a turma foi dividida em 5 grupos de quatro elementos.

Para a execução do jogo, era necessário participar duas equipas ao mesmo tempo, o jogo consistia em cada equipa tinha de puxar a corda para o seu lado e quando o meio da corda passasse do local previamente estabelecido, a equipa que tivesse mais força e conseguisse puxar a corda para o seu lado saía vencedora. As equipas que ganhavam cada jogo no final jogavam umas contra as outras para resultar apenas numa equipa vencedora.

O objetivo desta atividade foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a estimular a coordenação, a mobilidade física e saber lidar com o perder e frustração.

Esta atividade teve a duração de 30 minutos, no qual todas as equipas tiveram a oportunidade de participar mais do que uma vez.

Durante a realização deste jogo as crianças mostraram-se empolgadas para participar, todas as equipas foram competitivas com o objetivo de ganhar. Foi importante realçar o espírito de equipa que é importante que exista neste tipo de jogo e o respeito pelos restantes colegas. Isto porque, nas idades delas, o mais provável de acontecer seria a equipa que ganhar gozar com as restantes equipas, e foi fundamental no início, aquando da explicação das regras, reforçar que o importante era participarem, divertirem-se e trabalharem em equipa.



Imagem 33- Jogo da corda



Imagem 34- Crianças a realizar o jogo da corda

5º Jogo: Jogo “quem sou eu?”

O jogo do “quem sou eu?” consiste em colocar uma criança vendada no meio de uma roda feita pela turma e esta vai ter de descobrir quem é o/a colega que veio à sua frente, sem ambas poderem falar nem o restante grupo. A criança vai ter de recorrer ao toque, para poder descobrir o nome do/da seu/sua colega, quando isto acontece, a criança volta para a roda e é selecionada outra criança para ir para o meio da roda, vendada e tentar adivinhar as/os colegas, assim sucessivamente.

Este jogo teve a duração de 20 minutos e foi realizado no pátio exterior, à sombra, para a execução do mesmo foi necessário um lenço para ser utilizado como venda.

O objetivo deste jogo foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a estimular a concentração, o sentido o tato e olfato, a memória e perceber se conhecem bem as/os colegas pela sua forma física.

Durante a execução deste jogo todas as crianças se mostraram participativas e atentas, todas pediam para ir ao centro ou para serem vendadas e tentarem descobrir os/as seus/suas colegas. Teve de existir uma gestão das crianças para que a maioria conseguisse participar ativamente, as crianças que não foram vendadas ou não chegaram a ir ao centro da roda, para os/as colegas os/as descobrirem, tiveram a oportunidade de no dia seguinte, durante o recreio, de repetir novamente o jogo.

A grande maioria das crianças conseguiu descobrir as/os colegas recorrendo ao toque, apenas duas crianças é que tiveram mais dificuldades, com este jogo, verifica-se que as crianças estão bem familiarizadas umas com as outras e consegue captar e memorizar os penteados, objetos e roupa que os/as colegas trazem, de forma a poderem reconhecê-los(as) sem os/as observarem visualmente.



Imagem 35- Jogo “quem sou eu?”



Imagem 36- Criança a tentar descobrir quem é o colega

6º Jogo: Corrida de sacos

Este jogo consiste em as crianças deslocarem-se de um local definido para outro dentro de uma saca, neste caso foi dentro de sacos de plástico grandes, aos saltos ou a correr. Inicialmente foi explicado em que consistia o jogo assim como as suas regras e a turma foi dividida em grupos. A turma foi dividida em grupos de 4 elementos e entres eles tinham de disputar a corrida, cada grupo participou duas vezes, para todas as crianças terem a oportunidade de executar o jogo mais do que uma vez.

Esta atividade teve a duração de 30 minutos e para a sua realização foram necessários 20 sacos de plástico grandes, foram disponibilizados um saco a cada criança.

O objetivo deste jogo foi praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos, de forma a estimular a concentração, o respeito por colegas, o espírito e trabalho de equipa, a concentração, a coordenação motora, a corrida ou os deslocamentos por saltos e o equilíbrio.

Durante a concretização deste jogo, as crianças estavam ansiosas, todas queriam participar ao mesmo tempo, teve de existir uma gestão da turma e uma explicação para que entendessem que para o jogo se concretizar em segurança e adequadamente, tinham de existir regras e todas tinham de esperar pela sua vez.



Imagem 37- Corrida de sacos



Imagem 38- Crianças a realizar a corrida de sacos

Parte III – Análise dos resultados obtidos

De modo a dar resposta aos objetivos definidos, procedemos à análise e à interpretação dos resultados da investigação. Segundo os resultados obtidos em ambos os contextos, observa-se que existe uma elevada carência por parte das crianças, no que se refere à prática de atividades ao ar livre, atividades essas em que pudessem contactar com a natureza.

No que concerne aos resultados da observação e das notas de campo, assim como do questionário implementado à Educadora (Apêndice III) em contexto de Pré-Escolar, verifica-se que as crianças têm uma grande necessidade em brincar ao ar livre. De acordo com a observação realizada, o grupo mostrou-se muito feliz, divertido, entusiasmado e envolvido, durante as atividades relacionadas com a presente investigação.

Todas as atividades realizadas ao ar livre, proporcionaram momentos de aprendizagem, de estimulação cognitiva para todas as crianças pois, a partir de explorações e brincadeiras simples, elas inventavam e reproduziam outras tantas brincadeiras, conforme os seus gostos, as suas vivências e as suas experiências. Analisando as notas de campo de todas as atividades desenvolvidas na presente investigação, constatou-se que todas estimularam as crianças e a criatividade e imaginação das mesmas pois, de uma atividade simples, são inventadas e relatadas várias brincadeiras imaginárias das crianças.

Em relação à Educadora, apesar de se ter observado não ter proporcionado às crianças muitos momentos de brincadeira e exploração ao ar livre, em contacto com a natureza, não deixa de reconhecer a importância do brincar ao ar livre e os benefícios que esta prática proporciona às mesmas. Neste sentido, a Educadora planifica este tipo de atividades, mas não as utiliza com regularidade, especialmente se durante as estações mais frias do ano. Aí a prática de atividades de brincar ao ar livre é quase nula, dando mais ênfase ao brincar no interior da sala.

Respondendo à questão de partida para esta investigação

“Qual a importância dada por quem é agente educativo (família e profissionais de educação) ao brincar ao ar livre?”

é possível afirmar que a Educadora tem consciência da importância que o brincar ao ar livre acarreta para as crianças e que esta é uma boa ferramenta pedagógica, no entanto, observa-se que, durante o tempo de Prática Profissional II em Pré-Escolar, a preocupação e a importância dada a este grande motor de desenvolvimento e crescimento saudável na criança, que é o brincar em contacto com a natureza, não é na realidade colocado em prática, nem lhe é dada, efetivamente, a relevância que se entende que merece.

Analisando os dados obtidos do inquérito por questionário aplicado à Educadora, refere-se que, às questões colocadas:

1. Considera que o brincar ao ar livre é importante no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças?
2. Recorre à brincadeira com as crianças como ferramenta de aprendizagem?
3. Na sua perspetiva, o brincar ao ar livre proporciona vantagens para as crianças?
4. Estrutura e planifica atividades de brincar ao ar livre?
5. Incentiva as crianças a brincar ao ar livre?
6. Reconhece potencialidades no brincar ao ar livre?
7. Considera o brincar ao ar livre como uma estratégia pedagógica?
8. Disponibiliza tempo ao longo da semana, para as crianças brincarem ao ar livre?

a Educadora respondeu afirmativamente. Ou seja: a Educadora considera o brincar ao ar livre importante no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças (1.); acredita que esta prática proporciona vantagens para as crianças (3.); reconhece as suas potencialidades (6.), e; considera o brincar como uma ferramenta pedagógica (7.).

No entanto, quando a Educadora responde afirmativamente às questões sobre recorrer à brincadeira como ferramenta e aprendizagem (2.), esta apenas é feita dentro da sala de atividades, apenas na altura da primavera e do verão é que esta ferramenta é utilizada no exterior. Em relação às questões de estruturar e planificar atividades de brincar ao ar livre (4.), as duas ou três atividades de brincar ao ar livre

que se observaram, durante a Prática Profissional II, foram brincadeiras livres no parque do estabelecimento e na caixa de areia, não se observou uma planificação de uma atividade diferente daquelas a que as crianças já estavam habituadas, implementada pela Educadora (5.). Para terminar esta análise, a Educadora também respondeu afirmativamente à questão 8., o que parece contrariar o que se observou, uma vez que, desde início de outubro a finais de janeiro, as crianças apenas foram brincar para o exterior, três ou quatro vezes, em 4 meses, o que parece ser muito pouco.

É de notar que tanto a Educadora como a Auxiliar da sala, davam mais importância às condições climatéricas do que à própria importância de levar as crianças para a rua brincar, sentir o vento, observar as nuvens nos dias mais cinzentos e o cheiro da terra molhada, ou até olhar e ouvir a chuva. A preocupação centrava-se em não levar as crianças a brincar ao ar livre em dias cinzentos e frios, porque devido ao frio estas poderiam ficar doentes.

Existem já muitos países da Europa que privilegiam o contacto das crianças com o exterior nas épocas frias do ano, fazendo com que consigam desenvolver resiliência e imunidade, o que também lhes mostra estratégias para combater o frio, o que, em Portugal, se considera estar longe de acontecer. Entende-se que existe um número considerável de profissionais de educação que deixam as crianças fechadas na sala a maior parte do ano devido às condições climatéricas.

Segundo Hugo Rodrigues, pediatra⁸, este afirma que o brincar ao ar livre implica contactar com contextos diferentes, implica movimento, ultrapassar limites, descobrir-se a si mesmo. O mesmo refere que é um mito o frio provocar constipações, pneumonias, otites, pois todas estas doenças são infectocontagiosas e existe maior probabilidade de as crianças ficarem doentes dentro de espaços fechados do que no exterior, devemos deixar as crianças brincar no exterior de forma a serem mais saudáveis.

⁸ De acordo com a partilha no seu perfil na rede social Instagram®, disponível em https://www.instagram.com/reel/CzwpywTMIn6/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFiZA==

No que concerne aos resultados obtidos e dos dados recolhidos em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico, é importante mencionar que em relação aos dados recolhidos e analisados, no que diz respeito ao questionário implementado à Professora da turma (Apêndice IV), à semelhança da Educadora da sala, também respondeu afirmativamente a todas as questões colocadas. A saber,

Analisando os dados obtidos do inquérito por questionário aplicado à Professora, refere-se que, às questões colocadas

1. Considera que o brincar ao ar livre é importante no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças?
2. Recorre à brincadeira com as crianças para lhe ensinar conteúdos?
3. Na sua perspetiva, o brincar ao ar livre proporciona vantagens para as crianças?
4. Estrutura e planifica atividades de brincar ao ar livre?
5. Incentiva as crianças a brincar ao ar livre?
6. Reconhece potencialidades no brincar ao ar livre?
7. Considera o brincar ao ar livre como uma estratégia pedagógica?
8. Disponibiliza tempo ao longo da semana, para as crianças brincarem ao ar livre?

A Professora considera o brincar ao ar livre importante no desenvolvimento cognitivo e motor dos/as alunos/as (1); tal como considera que o mesmo proporciona vantagens (3), assim como, reconhece as potencialidades desta prática e considera a mesma como uma estratégia pedagógica (6), (7).

No que concerne às questões se a mesma recorria à brincadeira com as crianças para lhes ensinar conteúdos (2), a resposta foi afirmativa e, de acordo com a observação, durante o tempo de Prática Profissional III, a mesma sucede, mas apenas dentro da sala de aula. Em relação às questões se planificava atividades de brincar ao livre (4), se incentivava as crianças a brincar ao ar livre (5) e se disponibilizava tempo ao longo da semana, para as/os alunas/os brincarem ao ar livre (8), a Professora respondeu afirmativamente a todas estas questões. No entanto, isto não ocorre na realidade, de acordo com as rotinas de sala de aula observadas, as crianças passavam todo o tempo de aulas desde as 09:00 da manhã até às 15:30, dentro da sala de aula, a trabalhar os

conteúdos das disciplinas. O único tempo que tinham para brincar ao ar livre era durante o horário do intervalo da manhã, que tinha a duração de 30 minutos, embora a maioria dos dias fosse encurtado, porque a Professora só deixava as crianças irem ao intervalo quando as tarefas de sala de aula estivessem terminadas e, as crianças que não tivessem realizado o trabalho de casa, muitas vezes, acabavam por não poder ir ao intervalo e tinham de lanchar dentro da sala.

Mais uma vez, constatou-se que a Professora reconhece a importância do brincar ao ar livre no desenvolvimento das crianças, conhece as suas vantagens e benefícios, mas, efetivamente, parece não disponibilizar oportunidades para as crianças trabalharem os conteúdos programáticos a brincar no exterior, dando maior relevância ao ensino em sala de aula.

Analisando os restantes dados recolhidos, no que diz respeito aos inquéritos por questionário aplicado às famílias (Apêndice V), para entender a importância que as mesmas dão ao brincar ao ar livre, percebeu-se que:

À questão sobre se consideravam o brincar uma atividade importante (1), todas as famílias que responderam ao questionário, responderam que sim. Em relação à questão se entendia que o brincar ao ar livre proporciona inúmeras vantagens para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança (2), também foi respondida afirmativamente por todos os inquiridos, tal como a questão se na opinião dos mesmos, as crianças desenvolviam-se enquanto brincavam ao ar livre (3).

Em relação as seguintes questões mais pessoais, se brincavam com as suas crianças (5), se elas brincavam ao ar livre (6) e se pediam para brincar ao ar livre (7), todas as respostas foram afirmativas, tal como consideram importante o brincar ao ar livre (8), de acordo com as respostas facultadas a esta questão.

Por fim, analisando a seguinte questão, “Considera que o brincar ao ar livre tem impacto no desenvolvimento do seu filho? Se sim, em quê?” (4), apurou-se que:

Impacto do brincar ao ar livre no desenvolvimento das crianças

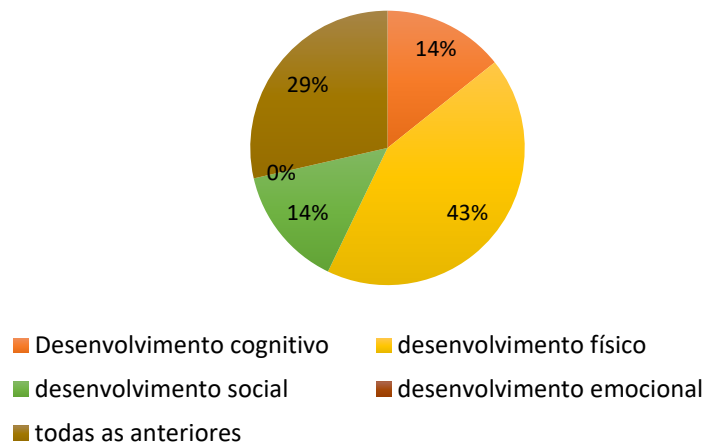


Gráfico 2- Opinião das famílias no impacto do brincar ao ar livre na criança

Com o Gráfico 2, também se verifica que a maioria das/os encarregadas/os de educação considera que o brincar ao ar livre tem maior impacto no desenvolvimento físico das crianças, embora 29% acredita que o brincar ao ar livre tem impacto a todos os níveis de desenvolvimento da criança. Verificou-se ainda que o desenvolvimento social e o desenvolvimento cognitivo tiveram o mesmo número de opiniões, encontrando-se ao mesmo nível de importância para as famílias, de acordo com a sua opinião.

No que diz respeito à pergunta: “Com que frequência o seu filho brinca ao ar livre?”

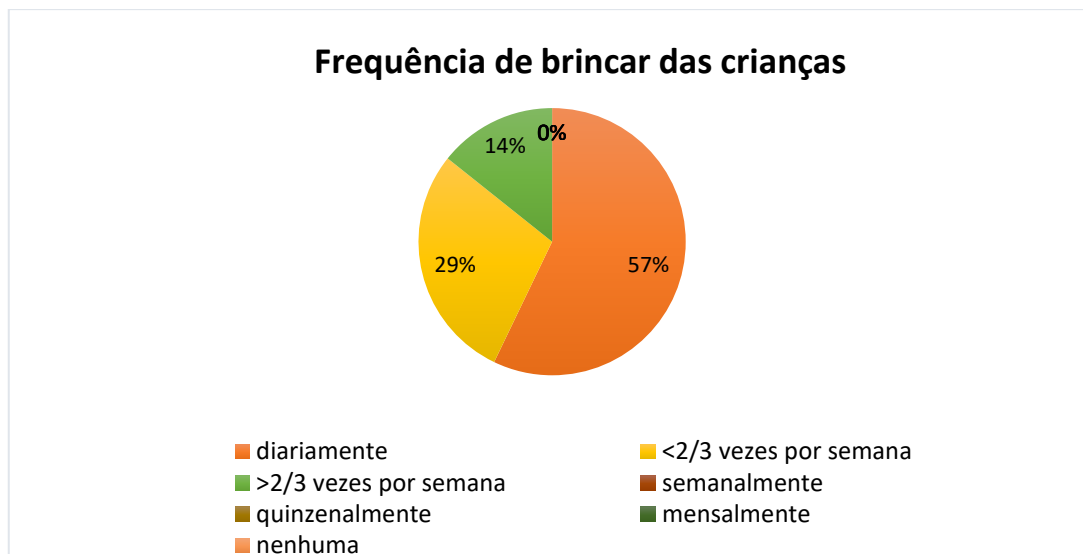


Gráfico 3- Representação da frequência da atividade de brincar nas crianças

Observando o Gráfico 3, verifica-se que as famílias responderam que as suas crianças brincam a grande maioria diariamente, seguindo-se de 29% os que responderam que os seus filhos brincam mais de 2-3 vezes por semana. Com estes dados ainda é possível examinar que 14% das pessoas inquiridas respondeu que as/os filhas/os brincam menos do que 2-3 vezes por semana, o que é problemático, pois uma criança que quase não brinca não vai ter um crescimento saudável e feliz.

Implementados todos os jogos referentes a esta investigação, as crianças da turma responderam a um inquérito por questionário (Apêndice VI), que pretendia perceber melhor se, de facto, algumas respostas dadas pela Professora e pelas famílias estão em concordância ou não com as respostas das crianças.

Às questões: “Gostas de brincar?” e “Brincas todos os dias?”, as crianças responderam afirmativamente. No entanto, o mesmo não se verificou quando questionadas sobre se brincavam ao ar livre.

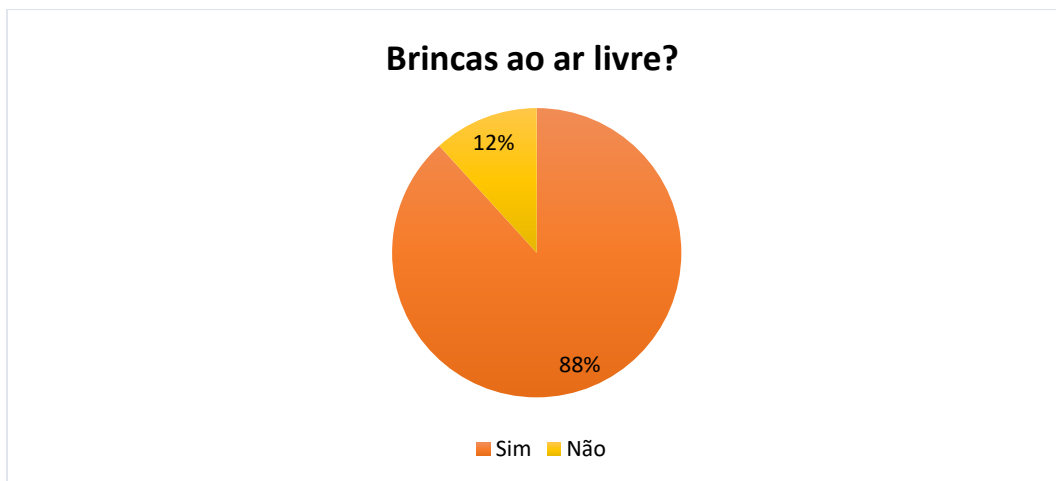


Gráfico 4- O brincar ao ar livre

De acordo com os dados do Gráfico 4, pode observar-se que a grande maioria das crianças brinca ao ar livre. No entanto parece ser preocupante que exista uma percentagem de 12% das crianças desta turma que não brinca ao ar livre. Sendo a faixa etária da amostra, de 7 e 8 anos, e responderam que não brincam ao ar livre, faz com que se pondere sobre o(s) fator(es) que influencia(m) esta constatação.

Como se pode analisar no Gráfico 5, de acordo com os dados recolhidos pela questão “Costumas brincar ao ar livre quando estás com os teus pais?”, quando comparados com as respostas da pergunta anterior sobre se as crianças brincavam ao ar livre, com as respostas desta pergunta, constata-se que houve um aumento do número de crianças que não brinca ao ar livre quando estão com as famílias. Verifica-se que existe um número de pais e de mães que, por questões pessoais, por excesso de trabalho ou cansaço não incentivam nem proporcionam brincadeiras ao ar livre às suas crianças.



Gráfico 5- O brincar ao ar livre quando as crianças estão com a família

É de salientar que a prática de não brincar ao ar livre não sucede só quando as crianças estão em casa com os pais, o tempo que estas estão fechadas na escola, dentro da sala de aula, também se reflete nos dados expostos a seguir.

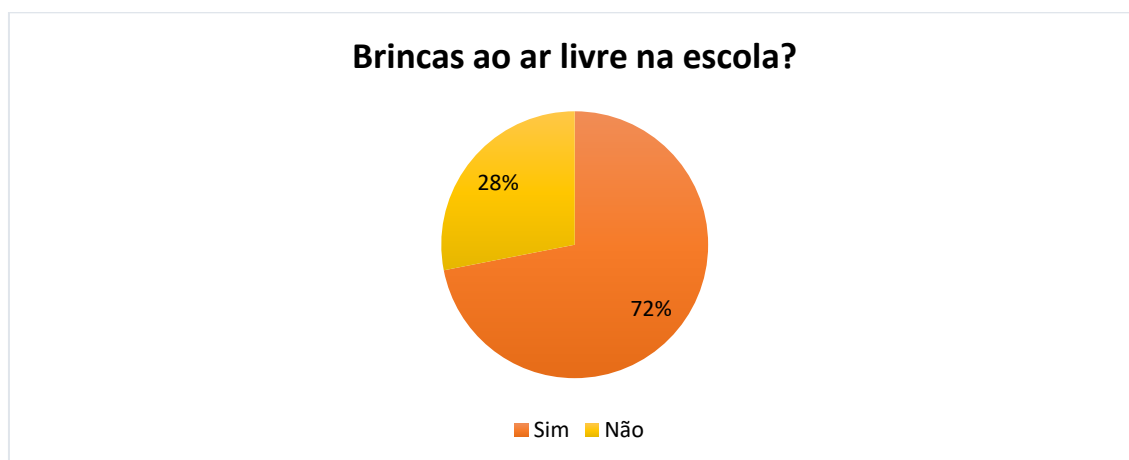


Gráfico 6- O brincar ao ar livre na escola

Como podemos constatar no Gráfico 6, a percentagem de crianças que não brinca ao ar livre na escola é de 28%, de acordo a amostra estudada. Isto advém do facto de as crianças terem muito pouco tempo de recreio e um horário muito extenso, em termos de aulas e conteúdos que tem de ser dados, o que leva a que os profissionais de educação se foquem mais na teoria e se esqueçam de dar tempo e oportunidades para as crianças saírem para o exterior e brincar livremente.

Gostavas de brincar mais ao ar livre na escola?

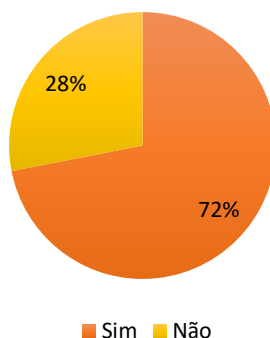


Gráfico 7- Perspetiva de as crianças poderem vir a ter mais tempo para brincar ao ar livre

De acordo com os dados acima (Gráfico 7), 72% das/os alunas/os, respondeu que gostaria de ter mais tempo para brincar ao ar livre na escola, as crianças sentem essa necessidade, porque de acordo com os seus horários durante a manhã toda, só têm 30 minutos para poderem tomar o pequeno-almoço e o tempo que sobra para brincar livremente no exterior. Durante o resto do dia, o tempo que lhes resta para brincar é durante a hora de almoço, depois de realizada essa refeição, o que acaba por se refletir em muito pouco tempo para brincar ao longo do dia. As crianças estão sobrecarregadas com aulas e trabalhos de casa para fazer no seu tempo livre, em vez de terem tempo para ser crianças e descobrir o mundo à sua volta, e criar laços com as outras. Em vez disso têm, desde tenra idade, de ter boas notas.

Quantas vezes brincas ao ar livre por semana?

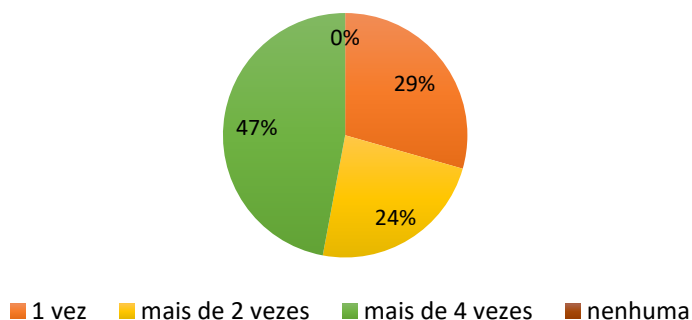


Gráfico 8- Quantidade de vezes que as crianças brincam ao ar livre, por semana

Examinando o Gráfico 8 sobre a frequência com que as crianças brincam ao ar livre por semana, verifica-se que menos de metade brinca mais de 4 vezes por semana no exterior, e mais de metade das crianças apenas brincam 1 ou no máximo 3 vezes ao ar livre durante a semana. Estes dados são preocupantes, pois pode indicar que a importância do brincar ao ar livre ainda não está presente em quem é profissional de educação e nas famílias, e urge mudar este panorama. Uma criança que não brinca, não é uma criança feliz, não cresce saudável, não ultrapassa limites, não se descobre a si própria, entre tantos outros fatores deveras importantes.

Relativamente às questões: “Achas que brincar ao ar livre é importante?” (8), “Preferes brincar dentro de espaços fechados ou ao ar livre?” (9), “Senteste-te mais feliz quando brincas ao ar livre” (10) e “Gostaste dos jogos que fizeste ao ar livre?” (11). Todas as crianças responderam afirmativamente a estas questões. É notório verificar que as crianças preferem brincar ao ar livre seja livremente, explorando o meio à sua volta, ou de forma mais regrada e estruturada como foi o caso dos jogos realizados durante esta investigação de forma a proporcionar pequenos momentos de brincadeira, de socialização e de cooperação entre grupos e entre a turma.

Parte IV - Análise reflexiva da intervenção

Esta investigação permitiu observar, compreender, investigar, estudar, planear, refletir, analisar, reformular e agir. Foi possível compreender e ter uma melhor noção que cada vez mais, o tema do brincar ao ar livre é cada vez mais discutido e defendido por profissionais, porque está cada vez menos presente no quotidiano das crianças.

As crianças são o futuro, se queremos crianças saudáveis, capazes de lidar e superar obstáculos e problemas temos de deixar as crianças explorar e brincar na natureza. Deixá-las conhecerem-se a si e aos outros, descobrirem o mundo à sua volta, desenvolverem-se e adquirirem capacidades e habilidades cognitivas, emocionais, sociais e físicas que só em contacto com o exterior essas vão ser adquiridas.

As práticas profissionais em contexto de Educação Pré-Escolar e de 1º Ciclo do Ensino Básico foram muito importantes, não só para perceber como estas respostas, completamente diferentes funcionavam, mas principalmente para observar

comportamentos e práticas educativas no que concerne à importância que é dada ao brincar ao ar livre.

Sabendo que as crianças manifestam, frequentemente, uma enorme vontade de brincar e explorar o mundo que as rodeia, foram promovidas experiências de aprendizagem em contexto Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, direcionadas para brincar e aprender ao ar livre, tendo em conta o valor pedagógico dos espaços exteriores. Estes espaços fomentaram novas descobertas, permitindo à criança interagir, escolher e explorar as diversas potencialidades dos objetos/materiais, proporcionando momentos de partilha, cumplicidade e descoberta ao longo de todo o processo.

Promoveu-se ainda, o brincar junto de profissionais de educação e crianças, incentivando a prática desta atividade como uma ferramenta pedagógica a ser utilizada para obtenção de habilidades, capacidades e conhecimentos nas crianças.

O brincar ao ar livre, segundo Malone, Birrel, Boyle & Gray (2015), permite um aumento da autonomia, independência e resiliência, contribuindo para um forte sentido de identidade nas crianças. Desta forma, um dos objetivos desta investigação requeria em desenvolver atividades para as crianças brincar e explorar ao ar livre.

A metodologia de investigação utilizada permitiu uma reflexão constante, assim como a tentativa de compreender que importância era dada ao brincar ao ar livre e se de facto, os docentes proporcionavam às crianças momentos de brincar, lazer e exploração nos espaços exteriores, tal como a observação que teve um peso muito importante nesta investigação, no que concerne aos comportamentos das crianças e jovens durante a prática das atividades e jogos implementados durante este estudo.

Foi fundamental efetuar uma recolha de dados, tendo como base a observação direta e cooperante, as notas de campo e os inquéritos por questionário. Ao recolher as notas de campo e incluir pequenas reflexões sobre as mesmas, estas permitiram compreender, conhecer e constatar que as crianças têm uma imaginação e criatividade muito distintas umas das outras e que durante os momentos que são significativos para elas, como o brincar livremente ao ar livre, com objetos estruturados ou não estruturados, elas conseguem criar uma imensidão de brincadeiras e ações.

Na Educação Pré-Escolar uma das premissas foi a importância do brincar e transportar isso para as atividades propostas de acordo com os interesses e necessidades das crianças, observados anteriormente. É através do brincar que se aprende, Neto (2023) refere que “brincar é tao importante como ir à escola, o brincar é insubstituível, o brincar é um comportamento fundamental... O confronto com o risco é das coisas mais importantes, porque brincar é aprender a sobreviver”.

No questionário à Educadora, a mesma concorda que o brincar ao ar livre é importante para o desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional das crianças, assim como tem noção das suas vantagens e considera o mesmo uma excelente ferramenta pedagógica, no entanto, durante a intervenção, foram escassos, os momentos proporcionados pela mesma às crianças.

No 1º Ciclo do Ensino Básico, o maior desafio foi encontrar tempo dentro do horário letivo das crianças, para conseguir proporcionar e implementar momentos de brincar /jogar ao ar livre. O outro desafio foi também, encontrar um espaço ao ar livre dentro da escola onde as crianças pudessem ficar abrigadas do sol e calor que se fez sentir durante esta intervenção, isto por, para além do espaço exterior destinado ao 1ºciclo ser reduzido, o mesmo era desprovido de natureza, sendo a maioria desse espaço cimentado.

Os jogos realizados com as crianças, durante esta investigação, foram implementados no horário da disciplina de educação física e todos foram realizados no exterior, pois as poucas vezes que as mesmas tinham aula de educação física era sempre dentro de um pavilhão, e aqui o objetivo era colocá-los a realizar jogos desconhecidos e novos num local mais livre e estimulante para eles.

Com os jogos implementados as crianças mostraram-se muito felizes e com vontade em realizá-los mais vezes, pois todos os jogos foram realizados em grande grupo, onde se privilegiou a cooperação e trabalho de equipa, tal como o respeito pelo outro. Este foi um grupo que sempre se mostrou incentivado a aprender e a participar em tudo o que lhes era proposto, e tendo elas a necessidade de sair um pouco da sala e realizar atividades ao ar livre, estes jogos foram uma mais-valia para elas, não só porque estavam a praticar atividade física, como correr e saltar como também porque estavam a interpretar papéis e ações de acordo com os tipos de jogos realizados.

Durante o inquérito por questionário implementado à Professora, a mesma concordou que o brincar ao ar livre é importante para o desenvolvimento cognitivo, social, físico e emocional das crianças, tal como tem consciência das suas vantagens. No entanto, devido à quantidade de conteúdos para lecionar de todas as disciplinas, a mesma tem consciência que o tempo para disponibilizar atividades de brincar ao ar livre ou recorrer a esta prática como uma ferramenta pedagógica, é complicado e é necessário recorrer a uma maior gestão do tempo semanal, para esse efeito.

No geral, analisados todos os dados recolhidos e principalmente os inquéritos por questionário à Educadora, à Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, às famílias das crianças e posteriormente às crianças e cruzando os dados, verificamos que o brincar ao ar livre ainda está muito desvalorizado e as pessoas adultas compreendem a sua importância, mas na realidade não proporcionam momentos de brincar, explorar e aprender ao ar livre nas crianças.

Considerações Finais

Refletindo sobre todo o processo e analisando os resultados obtidos, é possível concluir que os objetivos delineados no início do estudo foram atingidos, nomeadamente:

1. Identificar percepções e atitudes de docentes e famílias face à atividade do brincar ao ar livre;
2. Perceber se famílias e docentes identificam os benefícios do brincar ao ar livre;
3. Verificar se os docentes e as famílias estimulam o brincar ao ar livre;
4. Promover a reflexão sobre a prática pedagógica, e a prática do brincar como forma de construção de conhecimento por parte da criança;
5. Promover o brincar livre, criando um espaço estimulante que promova as competências do brincar.

Relativamente aos três primeiros objetivos, estes foram atingidos, através da recolha de dados por questionário, onde foi possível identificar o posicionamento e as atitudes dos docentes e famílias em relação ao brincar. Ambos têm noção que o brincar ao ar livre é uma atividade pedagógica fundamental para o desenvolvimento saudável na criança e que este proporciona o desenvolvimento de várias competências cognitivas, motoras, sociais e emocionais, no entanto, de forma geral, não proporcionam momentos de brincar no exterior às crianças.

Durante as práticas profissionais em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, através da observação foi possível constatar que os docentes não estimulam a prática do brincar ao ar livre nas crianças. Seja pelo motivo de que nas estações de outono e inverno está mais frio e as crianças não podem ficar doentes, ou por questões de cumprir o programa de conteúdos a lecionar no Ensino Básico, o tempo dispensado para as crianças terem a oportunidade de explorar e brincar no exterior é muito reduzido, no 1º Ciclo do Ensino Básico, esse tempo é ainda mais reduzido.

Em relação objetivo de promover a reflexão sobre a prática pedagógica e, a prática do brincar como forma de construção de conhecimento por parte da criança, foi apenas possível perceber que tanto a Educadora do Pré-Escolar com a Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, refletiram que a sua prática poderia conter mais momentos de brincadeira no exterior e de construção do conhecimento através desta atividade.

Espera-se que este estudo tenha influenciado positivamente e contribuído para que ambas as profissionais de educação nas suas experiências letivas futuras, coloquem em prática o tema desta investigação.

Por fim, e não menos importante, o último objetivo desta investigação centrava-se em promover o brincar livre, criando um espaço estimulante que promova as competências do brincar. Na minha perspetiva acho que consegui criar vários momentos de brincadeira ao ar livre, tanto em contexto de Pré-Escolar como de 1º Ciclo do Ensino Básico, utilizando os recursos espaciais disponíveis e que melhor se adequavam aos grupos respetivamente. Momentos esses que tivessem como intenção pedagógica, não só proporcionar o contacto do brincar ao ar livre, como de promover o desenvolvimento de toda a panóplia de capacidades e habilidades que o brincar e o jogar proporcionam às crianças.

Em relação aos objetivos dos descritores de ambos os contextos em Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico, considero que organizei e implementei situações de aprendizagem nos diferentes contextos, tal como geri interações entre e com as crianças. Principalmente, analisou-se criticamente a realidade educativa, nos contextos educativos de Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, tal como se desenvolveu capacidades reflexivas e reguladoras da ação educativa, com este trabalho de investigação.

Sendo ainda o brincar ao ar livre ainda muito pouco usado por quem é profissional de educação como ferramenta pedagógica, cabe-nos a nós, como futuros profissionais de educação, tentar mudar este paradigma e privilegiar e implementar momentos e atividades de brincar e contacto das crianças com a natureza.

Referências Bibliográficas

- Altet, M. (1999). *As Pedagogias da Aprendizagem*. Instituto Piaget.
- Amaral, C. (2018). *Jogos e Brincadeiras no Processo de Ensino e de Aprendizagem de crianças no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Coimbra.
- AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS. (2018). *The Power of Play: A Pediatric Role in Enhancing Development in Young Children*. 142(3).
<https://publications.aap.org/pediatrics/article/142/3/e20182058/38649/The-Power-of-Play-A-Pediatric-Role-in-Enhancing>
- Araújo, M. J. (2009). *Crianças Ocupadas*. Lisboa. Prime Books.
- Araújo, N. M. C., Ribeiro, F. R., & Santos, S. F. (2012). Educational Games and Responsiveness: Playfulness, Reading Comprehension and Learning. *Bakhtiniana*, 7(1), 4–23.
- Assembleia Geral das Nações Unidas. (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativos* (Comité Português para a UNICEF).
www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf
- Becker, D., Solé, D., Ting, E., Eisenstein, E., Filho, J. M., Fleury, L., Silva, L. R., Barros, M. I. A. de, Ghelman, R., & Weffort, V. R. S. (2019). *Manual de Orientação- Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes*. https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2019/05/manual_orientacao_sbp_cen.pdf
- Beloglovsky, M., & Daly, L. (2014). *Loose Parts: Inspiring Play in Young Children*.
- Bixler, R. D., Floyd, M. F., & Hammitt, W. E. (2002). *Environmental Socialization Quantitative Tests of the Childhood Play Hypothesis*. *Environment and Behavior*.
- Brown, S., & Vaughan, C. (2009). *Play—How it Shapes the Brain, Opens the Imagination, and Invigorates the Soul*. New York, United States Of America: Penguin Group.
- Guerreiro, S. A. M. (2022). *Lá fora também se brinca... Potencialidades do brincar no recreio*. Instituto Politécnico de Beja- Escola Superior de Educação.

-
- Ketamo, H., Kiili, K., Arnab, S., & Dunwell, I. (2013). *Integrating games into the classroom: Towards new teachership*. In S. Freitas, M. Ott, M.M. Popescu and I. Stanescu (Eds). *New pedagogical approaches in game enhanced learning: Curriculum integration*.
<http://dx.doi.org/10.4018/978-1-4666-3950-8.ch007>
- Kishimoto, T. M. (2017). *O jogo e a educação infantil*. Em *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação* (pp. 46–63). Cortez.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386868/mod_resource/content/1/Jogo%2C%20brnquedo%2C%20brincadeira%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf
- Lira, N., & Rubio, J. (2014). *A importância do brincar na educação infantil*. *Revista eletrônica saberes da educação*. 5(1).
- Malone, K., Birrel, C., Boyle, I., & Gray, T. (2015). *Wild Nature Play Researching OOSH in the Bush*. <https://researchdirect.westernsydney.edu.au/islandora/object/uws:31190>
- Maria, I. O. dos S. (2021). *Brincar livremente na Natureza: Contributo de pais e professores*. Instituto Politécnico de Leiria.
- Marques, I. A. (2019). *A Brincar também se Educa*. Manuscrito.
- Martins, C., & Neves, I. (2020). *Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em portugal: Um estudo de Caso*.
- Medeiro, P. G. V. (2016). *O olhar das crianças do 2º Ciclo face aos pares com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID)*.
- Melegari, M. R., & Guimarães, R. Z. (2022). A união entre ludicidade e brincadeiras ao ar livre, um pilar do desenvolvimento infantil. *Revista Educação Pública*, 22(42).
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/42/a-uniao-entre-ludicidade-e-brincadeiras-ao-ar-livre-um-pilar-do-desenvolvimento-infantil>
- Moss, S. (2012). *Natural Childhood*. United Kingdom: The National Trust.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças- A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.

-
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2018). *Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche*. Porto Editora.
- Pound, L. (2014). *How children learn*. MA Education Ltd.
- Prisk & Cusworth. (2019). *Playtime Matters. Outdoor Classroom Day*.
<https://outdoorclassroomday.com/wp-content/uploads/2019/04/Outdoor-Classroom-Day-Playtime-matters-report-May-2019.pdf>
- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Nº1 de Beja*. (2020).
- RMNO. (2004). *Health and Nature—The influence of nature on social, psychological and physical well-being*. <https://www.healthcouncil.nl/documents/advisory-reports/2004/06/09/nature-and-health.-the-influence-of-nature-on-social-psychological-and-physical-well-being>
- Rodrigues, A. F. F. (2017). *Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos*. Escola Superior de Tecnologia da Saúde, Instituto Politécnico de Coimbra.
- Rosa, A. R. L. M. (2013). *A importância de brincar no exterior: Análise dos níveis de envolvimento de crianças em idade pré-escolar*. Universidade de Coimbra.
- Salomão, H. A. S., & Martini, M. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: Enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*.
<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>
- Santos, M. (1994). *A Observação Científica*. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/54055/2/44387.pdf>
- Silva, I. L. da, Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar | OCEP* (Ministério da Educação/Direção Geral da Educação, Ed.).
<http://www.dge.mec.pt/ocepe/>
- Silva, M. C., & Sarmiento, T. (2017). *O brincar na infância é um assunto sério... Em Brincar e Aprender na Infância*. Porto Editora.

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/52369/1/O%20BRINCAR%20NA%20INFÂNCIA%20É%20UM%20ASSUNTO%20SÉRIO....pdf>

Silva, S., & Dixe, M. dos A. (2020). *Sebenta de apoio à Unidade Curricular de Investigação II- Investigação Qualitativa*.

https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/5250/1/Manual%20de%20apoio_Investigação%20II_Qualitativa_Silvia_silva_FINAL_alunos_29.09.2020.pdf

Vasconcelos, T. (2012). *A Casa [que] se procura – Percursos Curriculares na Educação de Infância em Portugal*. APEI.

Vygotsky, L. (1989). *O papel do brinquedo no desenvolvimento* Em J.C. Netto, L.S. Barreto & S.C. Afeche (Eds.), *A formação social da mente*. Martins Fontes.

Vygotsky, L. (1994). *A Formação Social da mente*. Martins Fontes.

Apêndices

Apêndice I- Autorização de recolhas de imagens

Autorização

Exmo/a. Encarregado/a de Educação

Raquel Mateus, aluna estagiária do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Beja, venho por este meio, solicitar a Vossa Ex^ª. uma autorização para a/o sua/seu educanda/o _____ (nome) poder ser fotografada/o em qualquer atividade/tarefa que execute. Estas fotografias serão somente expostas para o relatório de estágio.

Peço a Vossa Ex^ª. que coloque uma cruz no quadrado correspondente:

Autorizo

Não Autorizo

Assinatura do Encarregado de Educação

Apêndice II- Pedido de consentimento informado

Consentimento de participação em Trabalho de Investigação (Encarregados de Educação)

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Beja, está em curso um trabalho de investigação que pretende conhecer as perspetivas das crianças em relação à importância do brincar ao ar livre.

Para o efeito convidamos o/a seu/sua educando/a, a participar neste estudo de investigação.

A participação é voluntária e o tratamento dos dados recolhidos destina-se, exclusivamente para fins académicos. A identidade dos participantes será mantida no anonimato.

Coloque, por favor, um X na opção correta:

Autorizo a participação _____

Não autorizo a participação _____

A Estagiária: Raquel Mateus

Encarregado/a de Educação:

Apêndice III- Inquérito por questionário à Educadora: Perspetivas sobre a importância do brincar ao ar livre



Questionário à educadora: Perspetivas sobre a importância do brincar ao ar livre

Cara educadora,

Como aluna a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação em Beja, está em curso um trabalho de investigação que pretende conhecer as perspetivas da educadora em relação à importância do brincar ao ar livre. Peço a colaboração de vossa excelência no preenchimento deste inquérito. Este documento será tratado de modo confidencial e será apenas utilizado para este trabalho de investigação. Desde já, agradeço por sua colaboração.

Atenciosamente

Raquel Mateus

raquelmateus12.rm@gmail.com [Alternar conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Considera que o brincar ao ar livre é importante no desenvolvimento cognitivo * e motor das crianças?

Sim

Não

2. Recorre à brincadeira com as crianças como método de aprendizagem? *

Sim

Não

3. Na sua perspetiva, o brincar ao ar livre proporciona vantagens para as crianças? *

Sim

Não

4. Estrutura e planifica atividades de brincar ao ar livre? *

Sim

Não

5. Incentiva as crianças a brincar ao ar livre? *

Sim

Não

6. Reconhece potencialidades no brincar ao ar livre? *

Sim

Não

7. Considera o brincar ao ar livre como uma estratégia pedagógica? *

Sim

Não

8. Disponibiliza tempo ao longo da semana, para as crianças brincarem ao ar livre? *

Sim

Não

Enviar

Limpar formulário

Apêndice IV- Inquérito por questionário à Professora de 1º Ciclo do Ensino Básico



Inquérito à professora titular: Perspetivas sobre a importância do brincar ao ar livre

Cara professora,

Como aluna a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação em Beja, está em curso um trabalho de investigação que pretende conhecer as perspetivas da professora em relação à importância do brincar ao ar livre. Peço a colaboração de vossa excelência no preenchimento deste inquérito. Este documento será tratado de modo confidencial e será apenas utilizado para este trabalho de investigação. Desde já, agradeço por sua colaboração.

Atenciosamente

Raquel Mateus

raquelmateus12.rm@gmail.com [Alternar conta](#)



Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Considera que o brincar ao ar livre é importante no desenvolvimento cognitivo e motor dos alunos? *

Sim

Não

2. Recorre à brincadeira com os seus alunos para lhes ensinar conteúdos? *

Sim

Não

3. Na sua perspetiva, o brincar ao ar livre proporciona vantagens para os alunos? *

Sim

Não

4. Estrutura e planifica atividades de brincar ao ar livre? *

Sim

Não

5. Incentiva os alunos a brincar ao ar livre? *

Sim

Não

6. Reconhece potencialidades no brincar ao ar livre? *

Sim

Não

7. Considera o brincar ao ar livre como uma estratégia pedagógica? *

Sim

Não

8. Disponibiliza tempo ao longo da semana, para os alunos brincarem ao ar livre? *

Sim

Não

Enviar

Limpar formulário

Apêndice V- Inquérito por questionário aos pais das crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico



Inquérito aos pais: Perspetivas sobre a importância do brincar ao ar livre

Estimados pais,

Como aluna a frequentar o Mestrado em Educação

Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educação em Beja, está em curso um trabalho de investigação que pretende conhecer as perspetivas de pais e mães em relação à importância do brincar ao ar livre. Peço a colaboração de vossa excelência, no preenchimento deste inquérito. Este documento será tratado de modo confidencial e será apenas utilizado para este trabalho de investigação.

raquelmateus12.rm@gmail.com [Alternar conta](#)



 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Considera o brincar uma atividade importante? *

- Sim
- Não

2. Entende que o brincar ao ar livre proporciona inúmeras vantagens para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança? *

- Sim
- Não

3. Na sua opinião, o seu filho desenvolve-se enquanto brinca ao ar livre? *

Sim

Não

4. Considera que o brincar ao ar livre tem impacto no desenvolvimento do seu filho? Se sim, em quê? *

desenvolvimento cognitivo

desenvolvimento físico

desenvolvimento social

desenvolvimento emocional

Outro: _____

5. Brinca com o seu filho? *

Sim

Não

6. O seu filho brinca ao ar livre? *

Sim

Não

7. O seu filho pede para brincar ao ar livre? *

- Sim
- Não

8. Acha importante o seu filho brincar ao ar livre? *

- Sim
- Não

9. Com que frequência o seu filho brinca ao ar livre? *

- diariamente
- <2/3 vezes por semana
- >2/3 vezes por semana
- semanalmente
- quinzenalmente
- mensalmente
- nenhuma

Enviar

Limpar formulário

Apêndice VI- Inquérito por questionário às crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito às crianças do 2º Ano do 1º Ciclo do Ensino Básico

Enquanto estagiária gostaria de fazer um estudo sobre: A importância do Brincar ao ar livre em crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico. E por isso, preciso da tua ajuda, respondendo às questões abaixo.

1. Gostas de brincar? Sim. Não.
2. Brincas todos os dias? Sim. Não.
3. Brincas ao ar livre? Sim. Não.
4. Costumas brincar ao ar livre quando estás com os pais? Sim. Não.
5. Brincas ao ar livre na escola? Sim. Não.
6. Gostavas de poder brincar mais ao ar livre na escola? Sim. Não.
7. Quantas vezes brincas ao ar livre por semana?
 1 vez mais de 2 vezes mais de 4 vezes nenhuma
8. Achas que brincar ao ar livre é importante? Sim. Não.
9. Preferes brincar dentro de espaços fechados ou ao ar livre?
 ao ar livre em espaços fechados
10. Sentes-te mais feliz quando brincas ao ar livre? Sim. Não.
11. Gostaste dos jogos que fizeste ao ar livre? Sim. Não.

Obrigada pela tua ajuda!



Apêndice VII- Guião dos jogos desenvolvidos em 1º Ciclo do Ensino Básico

Descrição dos jogos a desenvolver

Os jogos foram implementados à turma durante o horário das aulas de educação física e realizados no espaço exterior da escola, zona do pátio exterior.

Cada jogo foi realizado em diferentes aulas, pois o tempo para os realizar era curto, entre 30 e 45 minutos o que só dava para executar 1 em cada aula.

No início de cada jogo era realizado um pequeno aquecimento corporal de 5 minutos, explicado pelo adulto, depois procedia-se à explicação do funcionamento e regras do jogo, para que as crianças o jogassem de forma correta. Se o jogo fosse para ser jogado com equipas, era feita a distribuição das equipas e procedia-se à concretização do mesmo.

Jogo 1- Jogo do lenço

Domínio: Bloco 4- Jogos

Aprendizagem Essencial: Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos.

Número de jogadores: Este jogo deve ser jogado com duas equipas.

Recursos materiais: 1 lenço.

Designação e explicação da atividade:

Este é um jogo tradicional, no entanto algumas variantes podem ser alteradas, como por exemplo em vez de cada elemento de cada equipa ficar com um número podem modificar esse tema, e utilizar um à escolha do grande grupo, como frutas, doces, animais, entre outros. O jogo deve ser jogado da seguinte forma:

1. Definir as equipas, sendo que cada equipa tem de conter o mesmo número de jogadores, se alguma equipa tiver um elemento a menos, um dos jogadores fica com dois “números ou palavras”, definidas previamente em grande grupo;
2. Se a turma escolher jogar com os algarismos, é definido um intervalo de números por exemplo do 1 ao 10, e cada jogador de cada equipa fica com um desse algarismo;
3. Um jogador fica no meio das duas equipas com um lenço na mão;
4. As equipas ficam colocadas à mesma distância do jogador que tem o lenço.
5. O jogador que tem o lenço tem de à vez chamar um algarismo e os jogadores de cada equipa que têm esse número têm de correr para apanhar o lenço sem ser apanhado pelo colega da equipa adversária e correr para a sua equipa para ganhar pontos.
6. Se o jogador que tem o lenço chamar água, as duas equipas têm de ficar em estátua, sem algum elemento se mexer a sua equipa perde 1 ponto.
7. Se o jogador que tem o lenço chamar fogo, todos os elementos das duas equipas devem correr para o lenço, ganha a equipa mais rápida.

-
8. No final a equipa que tiver mais pontos com 5 de diferença, é a equipa vencedora.

Jogo 2- Rei Manda

Domínio: Bloco 4- Jogos

Aprendizagem Essencial: Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos.

Número de jogadores: Este jogo deve ser jogado no mínimo por 2 jogadores.

Designação e explicação da atividade:

Este é um jogo tradicional que é jogado com base na imaginação e criatividade dos jogadores. O jogo deve ser jogado da seguinte forma:

1. Deve ser escolhido, pelo adulto, o jogador que vai fazer o papel do rei manda;
2. Os restantes jogadores devem se colocar virados de frente para o rei, ao lado uns dos outros e esperar pela ordem;
3. O rei fica à frente virado para os restantes jogadores e tem de dar ordens de ações para os restantes jogadores, utilizando sempre a frase: “o rei manda...”;
4. Se o jogador que interpreta o papel de rei não utilizar a frase acima referida, os restantes jogadores não devem obedecer à sua ordem;
5. O rei deve ordenar que os jogadores realizem movimentos, ações e imitações de sons, de acordo com a sua imaginação.

Nota: O jogador que interpreta o papel de rei, vai alterando, a pedido do adulto que está a controlar o jogo, para que todos os jogadores tenham oportunidade de executar esse papel.

Jogo 3- O gato e o rato

Domínio: Bloco 4- Jogos

Aprendizagem Essencial: Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos.

Número de jogadores: Este jogo deve ser jogado com um mínimo de 5 jogadores.

Designação e explicação da atividade:

Este jogo não é tradicional, mas é um jogo que pode ser adaptado a várias faixas etárias e aumentado o seu grau de dificuldade, conforme o grupo que o vai jogar. O jogo deve ser jogado da seguinte forma:

1. Inicialmente são escolhidos pelo adulto, dois jogadores, um deles vai desempenhar o papel de gato e o outro jogador vai ser o rato;
2. Os restantes jogadores devem se distribuir em filas na horizontal, deixando espaço entre jogadores e entre cada fila;
3. Os jogadores que estão nas filas vão desempenhar o papel de árvores e têm de estar sempre com os braços esticados na horizontal;
4. O rato vai ter de fugir do gato e deslocar-se por entre as árvores sem tocar nelas, e o gato vai ter de o apanhar;
5. O adulto que está a controlar o jogo vai pedir às árvores para se virarem para a frente e para trás, através de palmas;
6. Quando o adulto bate 1 palma, os jogadores que fazem de árvores têm de se virar para trás;
7. Quando o adulto bate 2 palmas, os jogadores têm de se virar para a frente;
8. Quando o gato apanha o rato, estes dois elementos juntam-se aos restantes colegas e são escolhidos novos jogadores para estas personagens.
9. Se o gato ou o rato tocarem nos restantes colegas, perdem o jogo e voltam para junto dos colegas e são escolhidos novos jogadores.

Nota: Este jogo pode ser jogado durante o tempo que for necessário para que todos os jogadores façam as personagens de gato e rato ou de acordo com o tempo disponível.

Jogo 4- Jogo da corda

Domínio: Bloco 4- Jogos

Aprendizagem Essencial: Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos.

Número de jogadores: Este jogo deve ser jogado no mínimo por 2 equipas com o mesmo número de jogadores.

Recursos materiais: 1 corda comprida

Designação e explicação da atividade:

Este é um jogo tradicional e deve ser jogado da seguinte forma:

1. Definir as equipas, sendo que cada equipa deve conter o mesmo número de elementos;
2. Definir o espaço onde o jogo vai ser realizado, ou seja, deve ser feita uma marca no chão para orientar as equipas;
3. É entregue uma corda grande às equipas, cada equipa segura numa ponta da corda, com os jogadores colocados atrás uns dos outros a segurar na corda;
4. O jogo começa à ordem do adulto;
5. Cada equipa tem de puxar a corda, recorrendo à força de braços e corpo para conseguir que a equipa adversária passe a marca e perca o jogo.
6. O jogo termina quando a equipa com menos força, ultrapassar a marca no chão que não pode ser ultrapassada.

Nota: Este jogo pode ser jogado por várias equipas, as que vão ganhado, vão jogando umas contra as outras, até sair uma equipa vencedora.

Jogo 5- “Quem sou eu?”

Domínio: Bloco 4- Jogos

Aprendizagem Essencial: Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, selecionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as ações características desses jogos.

Número de jogadores: Este jogo deve ser jogado com o mínimo de 2 jogadores.

Designação e explicação da atividade:

Este é um jogo ao qual é realizado em grande grupo. O jogo deve ser jogado da seguinte forma:

1. Os jogadores devem se colocar em roda;
2. O adulto escolhe um jogador que vai ficar no centro da roda vendado;
3. Os restantes jogadores devem estar em silêncio;
4. O adulto vai escolher um dos jogadores da roda e coloca-o em frente ao jogador vendado;
5. O jogador vendado vai ter de descobrir quem é o colega que está à sua frente, recorrendo ao tato;
6. O jogador vendado pode ir colocando perguntas ao adulto sobre o colega, às quais só podem ser dadas respostas de sim e não;
7. O jogo termina quando o jogador vendado conseguir descobrir quem é o seu colega ou se ultrapassar os 10 minutos sem conseguir descobrir quem é o colega;

Nota: este jogo pode ser jogado até que todos os jogadores tenham sido vendados ou conforme o tempo disponível para a realização do jogo.

Jogo 6- Corrida de sacos

Domínio: Bloco 2- Deslocamentos e Equilíbrios

Aprendizagem Essencial: Realizar saltos no solo, com amplitudes variadas, em percursos que integrem várias habilidades.

Número de jogadores: Este jogo deve ser realizado no mínimo com 2 jogadores, ou por equipas.

Recursos materiais: Sacos de plástico grandes

Designação e explicação da atividade:

Este jogo é realizado por equipas. O jogo deve ser jogado da seguinte forma:

1. Definir as equipas, sendo que cada equipa deve conter o mesmo número de jogadores;
2. Cada jogador deve ter um saco, e colocar-se dentro dele;
3. Definir o local de partida e de chegada da corrida;
4. Um elemento de cada equipa joga à vez;
5. Ganha a equipa que for mais rápida a fazer a corrida de sacos.